

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS**

LARLECIANNE PICCOLLI

**EUROPA ENQUANTO CONDICIONANTE DA POLÍTICA EXTERNA E DE
SEGURANÇA DA RÚSSIA:
O PAPEL DA DEFESA ANTIMÍSSIL.**

PORTO ALEGRE

2012

LARLECIANNE PICCOLLI

**EUROPA ENQUANTO CONDICIONANTE DA POLÍTICA EXTERNA E DE
SEGURANÇA DA RÚSSIA:
O PAPEL DA DEFESA ANTIMÍSSIL.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção de título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins.

PORTO ALEGRE

2012

P591e Piccolli, Larlecianne

Europa enquanto condicionante da política externa e de segurança da Rússia : o papel da defesa antimíssil / Larlecianne Piccolli. – Porto Alegre, 2012.
71 f. : il.

Orientador: José Miguel Quedi Martins.

Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, Porto Alegre, 2012.

1. Política externa : Rússia. 2. Relações internacionais. 3. Política internacional. 4. Segurança nacional. I. Martins, José Miguel Quedi. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais. III. Título.

CDU 327(470)

LARLECIANNE PICCOLLI

**EUROPA ENQUANTO CONDICIONANTE DA POLÍTICA EXTERNA E DE
SEGURANÇA DA RÚSSIA:
O PAPEL DA DEFESA ANTIMÍSSIL.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção de título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Aprovado em: Porto Alegre, 20 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins – Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Paulo Fagundes Visentini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Érico Esteves Duarte
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Carlos Schmidt Arturi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

A Camila Konradt (*in memoriam*), que em sua breve passagem
ensinou-me o valor de uma verdadeira amizade.

AGRADECIMENTOS

É chegada à hora de agradecer aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a execução deste trabalho.

Primeiramente, meu agradecimento especial ao Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins, meu orientador, a quem possuo uma enorme dívida pelos ensinamentos e empenho que tanto contribuíram para a execução deste trabalho. Certamente, uma inspiração e exemplo de dedicação para a pesquisa das Relações Internacionais e dos Estudos Estratégicos Internacionais.

Seria impensável não agradecer à amiga e colega de tantos anos Cassiana Borilli Dini, minha companheira “logística” nas jornadas Caxias – Porto Alegre, com quem compartilhei conhecimentos, que me transmitiu segurança nos momentos difíceis, dividiu angústias, mas principalmente sorrisos. Sou profundamente grata ao colega Me. Edson José Neves Júnior, grande incentivador de minhas pesquisas e que cooperou de maneira decisiva para o resultado deste trabalho. Além disso, agradeço à colega Me. Cristine Zanella, inspiração acadêmica e “paradigma intelectual”.

Agradeço aos colegas do PPGEEI, especialmente Alessandra Brittes – com quem compartilho minha paixão pela Rússia, Fernanda Barasuol, Me. Igor Castellano, Bruna Kunradt, Me. Fernando Sebben, Me. Mamadou Diallo Alpha, que tanto auxiliaram nesta trajetória. Aos também colegas Bruno Magno e Ricky Pedroso Jacobsen, pelo auxílio de pesquisa prestado, e aos colegas pertencentes aos grupos de estudos “Café Ásia” e “Oficina de Estudos Estratégicos”.

Um agradecimento especial para meus irmãos, Tatiana Piccolli Mattana e Ravel Angelo Piccolli, meus cunhados, Paulo Ricardo Mattana e Fernanda Martini, e meus sobrinhos Enzo Piccolli Mattana, Francesca Martini Piccolli e Franco Martini Piccolli.

Especialmente, agradeço a meus pais, Leonilda Maria Piccolli e Francisco Piccolli, pelo amor e confiança, pelos valores ensinados, e pelo apoio nos momentos difíceis.

Ao meu namorado Juliano Ubiratan Oliveira Cardoso, meu mais profundo agradecimento. Obrigada pela confiança, serenidade, paciência e pelo amor.

Eu não posso prever para você a ação da Rússia. É uma charada, envolta em um mistério, dentro de um enigma; mas talvez exista uma chave. Essa chave é o interesse nacional russo¹.

Winston Churchill (1939)

¹ Do original inglês: “I cannot forecast to you the action of Russia. It is a riddle, wrapped in a mystery, inside an enigma; but perhaps there is a key. The key is Russian national interest”.

RESUMO

Este trabalho se propôs a efetuar uma análise estratégica do peso da Europa como condicionante da Política Externa e de Segurança (PES) da Rússia, com ênfase ao papel cumprido pelo escudo antimíssil (NMD na Europa). Para tanto, procurou-se resenhar de forma muito breve as relações da Rússia com a Europa no pós Guerra Fria: a guerra do Kosovo (1999), a guerra da Geórgia (2008) e situação da Ucrânia e Mar Negro (2011). Por sua vez os projetos de cooperação entre os países da Europa e a Rússia são examinados com mais vagar. E, por outro lado, analisa-se o escudo antimíssil no seu estágio atual e o cronograma de sua implementação nos termos anunciados em 2012. Constatou-se que de fato a Europa exerce peso considerável na elaboração da política externa russa como um todo, que o aspecto crítico da relação com a Europa é a defesa antimíssil, que o principal ponto de cooperação para além de infraestrutura energética é o centro de inovação e tecnologia de Skolkovo. Conclui-se que no pós Guerra Fria são seguidas as linhas gerais da política externa da Rússia pré-revolucionária e da URSS, o que é descrito como o marco Defensivo-Reativo-Utilitário (DRU). Além disso, que a principal prioridade da PES da Rússia é sua manutenção enquanto grande potência (daí a importância de reter capacidade nuclear de segundo ataque); priorizar os fóruns multilaterais e empenhar-se na construção de um equilíbrio multipolar. Estas constatações serviram para convalidar a percepção acerca do papel da Europa como condicionante da política externa russa: seja para manter-se enquanto grande potência, para ter peso as decisões dos fóruns multilaterais ou ainda para consolidação da multipolaridade, importa para a Rússia uma Europa livre de ingerências extracontinentais.

Palavras-chave: Rússia. Europa. Escudo Antimíssil. Skolkovo. Base Industrial de Defesa (BID).

ABSTRACT

This work aimed to do a preliminary assessment about the weight of Europe as being a determinant to Russian's Foreign and Security Policy, with emphasis on the role played by the missile shield (NMD) in Europe. Therefore, we tried to do a briefly review of Russia's relations with Europe in the post-Cold War: the Kosovo's War (1999), the Georgia's War (2008) and the situation in Ukraine and the Black Sea Region (2011). In turn, the cooperation projects between European countries and Russia are examined more carefully. And, on the other hand, we analyze the missile shield in its current state and its implementation schedule pursuant announced in 2012. It has been found that in fact Europe has considerable weight in the development of Russia's foreign policy as a whole, that the critical aspect of the relationship with Europe is the missile defense, that the main point of cooperation beyond energy infrastructure is the Skolkovo's Center of Innovation and Technology. We conclude that the general lines of external politics in the pre-revolutionary Russia and the USSR are followed in the post-Cold War, which is described as the landmark-Reactive-Defensive Utility (RDU) In addition, the main priority of the Russia's Foreign and Security Policy is the maintenance of it's great power status (hence the importance of retaining nuclear second strike capability); prioritize multilateral forums and be engage in building a multipolar balance. These findings served to validate the perception about the role of Europe as a condition of Russia's foreign policy: whether to maintain itself as a great power, to take the weight of the decisions multilateral forums, or to consolidate multipolarity, it matters to Russia an Europe free from extra continental interference.

Keywords: Russia. Europe. Antimissile Shield. Skolkovo. Defense Industrial Base (DIB).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01 – Cartograma: Área de Proteção Bases Terrestres NMD (projeto 2001) <i>versus</i> Área de Alcance Shahab-3	27
Ilustração 02 – Cartograma: Mapa de Localização Bases Terrestres NMD	28
Gráfico 01 – Percentual Europeu nas Exportações e Importações da Rússia	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Percentual de Participação dos Países Europeus nas transações comerciais da Rússia	45
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

BMDS	Ballistic Missile Defense System
BRICS	Brasil-Rússia-Índia-China-África do Sul
BTC	Baku – Tbilisi – Ceyhan
CEI	Comunidade dos Estados Independentes
CEMN	Cooperação Econômica do Mar Negro
DRU	Defensiva-Reativa-Utilitária
EPAA	European Phased Adaptive Approach
EUA	Estados Unidos da América
GPS	Global Positioning System
MDA	Missile Defense Agency
NMD	National Missile Defense
OCX	Organização Cooperação de Xangai
OMC	Organização Mundial do Comércio
OPEP	Organização Países Exportadores de Petróleo
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PES	Política Externa e de Segurança
RIM-161/SM-3	Rocket Interceptor Missile/Standard Missile - 3
RMA	Revolution in Military Affairs
SIPRI	Stockholm International Peace Research Institute
START	Strategic Arms Reduction Treaty
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A EUROPA COMO CONDICIONANTE HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO DA POLÍTICA EXTERNA E DE SEGURANÇA DA RÚSSIA	16
2.1 O Kosovo e o fim do alinhamento automático russo-estadunidense	17
2.2 A importância da Guerra da Geórgia e a (ins) estabilidade das relações com o Ocidente	20
2.3 A Ucrânia e a situação estratégica do Mar Negro	21
3 EMBATE DE TENDÊNCIAS: COOPERAÇÃO E CONFRONTO NO RELACIONAMENTO RUSSO-EUROPEU	25
3.1 As implicações da NMD para Estados Unidos, Europa e Rússia	30
3.2 Compreendendo a NMD para Europa e a resposta russa	34
3.3 Cooperação econômica: os rumos da tríade energia-comércio-tecnologia	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A – 30 SUPERCOMPUTADORES MAIS VELOZES DO MUNDO (JUNHO, 2012)	67
ANEXO A – MAPA POLÍTICO DA EUROPA	68
ANEXO B – ALCANCE DE PROTEÇÃO EPAA	69
ANEXO C – PRINCIPAIS ROTAS ENERGÉTICAS DE ABASTECIMENTO DA EUROPA	70
ANEXO D – GASTOS MILITARES DA RÚSSIA	71

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a efetuar uma análise estratégica sobre o peso da Europa na Política Externa e de Segurança (PES) da Rússia, com ênfase no papel cumprido pela National Missile Defense (NMD) ou Defesa Antimíssil (DAM) na Europa². Em suma, trata-se de discutir o papel da Europa e da DAM enquanto condicionante sistêmico ou estrutural da PES da Rússia.

Costuma-se debater se o curso histórico da Federação Russa está centrado na Europa ou na Ásia. Mais comumente, em que medida aproxima-se e afasta-se de ambas, recombina valores e criando um padrão próprio de civilização (HUNTINGTON, 2012, p. 271-279). Por um lado as civilizações asiáticas impuseram seu domínio e acentuaram o isolamento do Rússia ao Ocidente. Este, por sua vez, mostrou-se frequentemente hostil à civilização russa (YEVGENEVA, 1999, p. 60). Contudo, seria enganador reduzir a abordagem a um problema civilizacional. Isto porque para além das grandes estruturas (caso da Civilização) as opções que constituem a PES da Rússia são feitas de decisões políticas, muitas vezes pontuais e contraditórias, ao sabor de circunstâncias como oportunidades de cooperação ou da percepção de ameaça.

Destarte, a hipótese desta pesquisa defende que a formatação da PES da Rússia é fruto dos estímulos e constrangimentos oriundos do teatro europeu, sendo este constituído como importante condicionante desta. Para tanto, aborda-se o relacionamento interdependente das partes, traduzido na dependência da Europa em hidrocarbonetos e da Rússia em capitais e tecnologia. Em oposição, o estudo se direciona à temática da National Missile Defense (NMD) ou Defesa Antimíssil (DAM) como constrangedor da PES russa rumo à confrontação.

² De acordo com a Public Law 106-38 (1999), a National Missile Defense (NMD) consiste na política dos Estados Unidos para implantar, tão logo a tecnologia permita, um efetivo sistema de Defesa Missilística Nacional capaz de defender o território dos Estados Unidos contra ataques de mísseis balísticos limitados (quer acidental, não autorizado, ou deliberado). Tal projeto tem seu financiamento sujeito à autorização anual das dotações e da apropriação de fundos para a Defesa de Mísseis Nacional (PUBLIC LAW 106-38, 1999). Dentre os projetos que integram o NMD está o Sistema de Defesa de Mísseis Balísticos (BMDS – *Ballistic Missile Defense System*), cujo principal sítio de atuação é a Europa. A tecnologia de defesa de mísseis desenvolvida, testada e implementada pelos Estados Unidos é designada a conter mísseis balísticos de todos alcances – curto, médio, intermediário e longo. Os elementos da defesa de mísseis são operados pelo pessoal do Comando Estratégico dos EUA, Comando EUA do Norte, Comando EUA do Pacífico, Forças EUA no Japão, Comando Europeu dos EUA, e outros. Os Estados Unidos possui programas de cooperação em defesa missilística com uma série de aliados, incluindo Reino Unido, Japão, Austrália, Israel, Dinamarca, Alemanha, Holanda, República Tcheca, Polônia, Itália e outros. A Agência de Defesa de Mísseis (MDA – *Missile Defense Agency*), responsável pelo projeto, também participa ativamente das atividades da OTAN de forma a maximizar as oportunidades para desenvolver um sistema de capacidade de defesa antimíssil balístico integrado (MISSILE DEFENSE AGENCY, 2012).

O ponto de partida para o desenvolvimento do estudo está na história da Rússia e seu relacionamento com a Europa. A relação entre as partes sempre se mostrou uma questão importante, porém, de grande disputa. Já no século XIX correntes políticas russas se dividiam entre tendências “ocidentalistas”, as quais pendiam para o Ocidente enquanto fonte de modernização e crescimento do Estado, em contrapartida às “eslavófilas”, que apostavam nos valores nacionais como ímpeto de desenvolvimento. Nos anos 1920, o debate aumenta em complexidade com o surgimento do pensamento “eurasianista”, o qual enfatiza a Rússia possuir características de ambas os continentes, devendo realçar o lado positivo de cada um para sua melhor colocação no sistema internacional. (YEVGENEVA, 1999, p. 60; SEGRILLO, 2010, p. 58-61).

A história remonta a momentos os quais a Europa exerceu papel de grande influência nas decisões tomadas pelo governo russo. No século XVIII a Europa serviu de espelho para as medidas modernizantes empreendidas por Pedro, o Grande e Catarina, a Grande. Na metade do século XIX a Rússia se ressentiu pelo o que considerou uma ingratidão europeia em não reconhecê-la pelos esforços em livrá-los do julgo napoleônico. Trata-se de um sentimento recorrente, igualmente, a Rússia teria salvo a Europa da invasão tártaro-mongol, do império napoleônico, e da Alemanha nazista (YEVGENEVA, 1999, p. 59-63).

Qualquer que seja o grau de legitimidade das pretensões russas, o fato é que realmente a Europa tem uma dívida com ela. Tomando apenas o último caso, da II Guerra Mundial, os russos lutaram praticamente sozinhos. Liquidaram cinco milhões de soldados do Eixo na frente Leste, para um milhão de mortos pelos Aliados na frente Ocidental. Em suma, cinco em cada seis soldados do Eixo mortos caíram na frente Oriental. Em contrapartida, ainda em Potsdam, (1945) a Rússia teve negada sua pretensão de acesso aos estreitos (acertada em Yalta – 1945), não teve acesso às indústrias do Vale do Ruhr e, muito menos, a marinha alemã que lhe havia sido prometida por Churchill. Pelo contrário, a inteligência soviética passou a receber relatórios alarmantes de planos de ataque nuclear contra a URSS sendo elaborados desde 14 de dezembro de 1945 (diretiva 432/D) (IAKOVLEV, 1988, p.43). Em resposta, os soviéticos satelitizaram os estados da Europa Leste procurando criar uma distância maior para ser percorrida pelos bombardeiros estratégicos, já que na época não existiam mísseis balísticos intercontinentais. Em resumo, a Guerra Fria teve início devido aos imperativos de segurança nuclear do estado soviético.

Entre 1985 e 1990 os soviéticos acertaram com os americanos, em conferências anuais, o desmantelamento do Tratado de Varsóvia e do próprio regime soviético. Mais uma vez, isto se deveu aos imperativos de segurança: os russos não foram capazes de acompanhar

os americanos na corrida armamentista. Em virtude de seu avanço na microeletrônica, os estadunidenses lançaram a Strategic Defense Initiative (SDI) ³, precursora da atual National Missile Defense (NMD). A ideia de Reagan era tornar possível a vitória na guerra termonuclear. A preparação militar estadunidense, as guerras substitutas (Síria-Israel, 1982) e as “guerras secretas” (Batalha da Sakalina, 1983⁴) foram suficientemente convincentes para levar os russos à rendição. Porém sua derrota na Guerra Fria deveu-se, em grande medida, à incapacidade de tornar os gastos militares funcionais. Os soviéticos realizaram reformas muito lentas, equivocadas (privatizaram primeiro a agricultura) e demasiado tardias. A inexistência de um mercado (a URSS doava armas para o Terceiro Mundo) impediu que o estado soviético tivesse qualquer forma sustentável de alavancagem dos gastos militares. Diante da transição tecnológica e da impossibilidade em acompanhá-la no ritmo exigido, salvaguardar a segurança da Rússia exigiu o sacrifício do regime. Foi o que os russos fizeram. Em suma, a Guerra Fria começou e terminou em virtude dos imperativos de segurança nuclear da URSS.

Em paralelo às conferências anuais entre os Chefes de Estado de EUA e URSS, deram-se as reuniões do grupo “Dois mais Quatro”, em que acertaram a reunificação da Alemanha (FLACH, 2007). No entanto observou-se que, na prática, o que estava sendo acertado era o desmantelamento da Organização do Tratado de Varsóvia. Na época, adotou-se o bordão Wilsoniano da autodeterminação em oposição ao mundo erigido em Ialta, alicerçado em esferas de influência. Foi esta hipocrisia, celebrada na “Doutrina Sinatra⁵”, que impediu a formalização de um tratado em torno do que, forçosamente, teriam de ser novas zonas de influência. Mais uma vez os russos sentiram-se traídos. Entenderam que não haveria a expansão da OTAN para Leste⁶, enquanto os EUA afirmam não existir qualquer disposição escrita neste sentido (COHEN, 2005). Ambos têm razão pelos motivos acima aludidos.

³ De acordo com a agência estadunidense MDA – Missile Defense Agency, a NMD é a continuidade da Strategic Defense Initiative (SDI) (MISSILE DEFENSE AGENCY, 2012ab).

⁴ Combate entre aeronaves soviéticas e americanas (tripuladas e não tripuladas) que com o apoio do satélite Ferret-D faziam reconhecimento armado sobre o território soviético. Na ocasião, os soviéticos abateram o jumbo coreano do voo KAL-007 pesando tratar-se de um RC-135 (BRUM, 1995, p. 189-229).

⁵ O termo deve-se a uma alusão feita por Gennadi Guerassimov (porta-voz de Mikhail Gorbachev), à música “My Way” de Frank Sinatra, para descrever a atitude da URSS em relação aos países que eram membros da Organização do Tratado de Varsóvia, que estavam “livres para seguir o seu próprio caminho” (GASPAR, 2005).

⁶ Segundo DUFFIELD, MICHOTA, MILLER (2008, p. 300-303), com a fim da Guerra Fria, a percepção de que os dias/anos da aliança estariam contados era consenso entre intelectuais da área (John J. Mearsheimer – *Back to future: instability in Europe after the Cold War*, 1990; Kenneth Waltz - *The emerging structure of international politics*, 1993). Tal constatação baseava-se no mesmo argumento levantado por Moscou: a ausência de uma ameaça externa. No entanto, ainda segundo os autores, a continuidade da organização é instigada por novos determinantes internacionais: (a) a reminiscência das ameaças soviéticas na figura da

A insistência russa em um compromisso escrito de que a NMD em território europeu não será voltada contra eles está largamente baseada na decepção dos acordos “Dois mais Quatro”. Desta feita, os russos não tem qualquer ilusão como alimentavam os soviéticos, de que sua rendição trará em sua esteira um novo Plano Marshal. E, ao mesmo tempo, dispõe do mercado como dispositivo adicional para sustentabilidade dos gastos militares, a obtenção de tecnologias e capitais. Em princípio a Rússia parece mais preparada que a ex-URSS para fazer frente à transição tecnológica, obter o domínio da produção de super processadores. São justamente estes fatores, associados aos laços sinceros e estreitos que se forjaram entre russos e europeus, que tornam difícil o esforço de analisar a questão. Contudo, mesmo em caráter preliminar, é difícil esperar que a Rússia reedite frente à NMD a atitude que teve frente à SDI. Desta vez, parece pouco provável uma rendição russa. Mesmo porque, para além das capacidades, como se verá adiante, os russos contam com as diferenças de interesses dos próprios países da OTAN.

É este o contexto que se deve ter em mente ao analisar as questões do Kosovo, Geórgia, e Ucrânia e Mar Negro. Mas, sobretudo, é o pano de fundo que informa a atitude da Rússia de frente à sucessora da Strategic Defense Initiative, a NMD em território europeu.

2 A EUROPA COMO CONDICIONANTE HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO DA POLÍTICA EXTERNA E DE SEGURANÇA DA RÚSSIA

Esqueçemo-nos da história por nossa conta e risco. Isto não é para sugerir que a história se repete, mas sim que nós precisamos saber de onde viemos para entender onde estamos hoje e como chegamos a esta conjuntura em particular, e portanto, melhor compreender os futuros possíveis⁷ (SHEARMAN, 2011, p. 11, tradução nossa).

Rússia e Europa possuem forte vínculo histórico. Estabelecido seja por interesses identitários ou ideológicos, ou enquanto fonte dos ideais de desenvolvimento. Porém, ganha destaque o valor estratégico, seja de caráter econômico ou militar, que a região constitui para os sucessivos governos russos (ver Anexo A).

O Conceito de Política Externa da Federação Russa, lançado em 2000, aponta para o relacionamento com a Europa em poucas linhas, dando em sua sequência indícios de um maior apreço pelo relacionamento com os EUA.

[...] A relação com os Estados europeus é tradicionalmente prioridade na política externa da Rússia. O principal objetivo na política externa russa na Europa é a criação de um sistema estável e democrático de cooperação e segurança europeia [...] ⁸ (RUSSIA, 2000, não paginado, tradução nossa).

Entretanto, no mais recente Conceito de Política Externa da Federação Russa, lançado pelo presidente Dmitri Medvedev em 2008, é evidente a maior importância dada à Europa enquanto parceiro estratégico:

[...] A Federação Russa desenvolverá suas relações com a União Europeia, que é seu o principal parceiro comercial, econômico e de política externa, promoverá, de todas as formas possíveis, o fortalecimento de mecanismos de interação, incluindo o estabelecimento de espaços comuns na economia, segurança interna e externa, educação, ciência e cultura. Sob uma perspectiva de longo prazo, é interesse da Rússia acordar com a União Europeia um tratado de parceria estratégica, no qual sejam fixadas formas mais avançadas e particulares de uma cooperação de benefícios mútuos e equitativos em todas as esferas, com vistas ao estabelecimento de um regime de isenção de vistos. A Federação Russa está interessada no fortalecimento da União Europeia, no desenvolvimento das capacidades em apresentar posicionamento comum em questões concernentes ao comércio, economia, questões humanitárias, política externa e segurança [...] ⁹ (RUSSIA, 2008, não paginado, tradução nossa).

⁷ Do original inglês: “We forget history at our peril. This is not to suggest that history repeats itself, but rather that we need to know where we have come from to understand where we are today and how we arrived at this particular juncture, and thereby better to appreciate possible futures”.

⁸ Do original inglês: “[...] Relations with European states is Russia's traditional foreign policy priority. The main aim of Russian foreign policy in Europe is the creation of a stable and democratic system of European security and cooperation. [...]”.

⁹ Do original inglês: “[...] The Russian Federation will develop its relations with the European Union, which is a major trade, economic and foreign-policy partner, will promote strengthening in every possible way the interaction mechanisms, including through establishment of common spaces in economy, external and internal security, education, science and culture. From the long-term perspective, it is in the interests of Russia to agree with the European Union on a strategic partnership treaty setting special, most advanced forms of equitable and mutually beneficial cooperation with the European Union in all spheres with a view to establishing a visa-free regime. The Russian Federation is interested in the strengthening of the European

As diferenças entre os dois documentos, que podem ter influenciado a mudança do comportamento russo, alterando a ênfase dada aos Estados Unidos para a Europa, podem dever-se aos motivos que seguem: a) início das tratativas em torno do escudo antimíssil, b) guerra no Iraque, c) invasão Afeganistão, d) avanço em direção à zona de influência russa e incentivo às Revoluções Coloridas¹⁰. Fica claro que o documento de 2008 enfatiza a Europa como um parceiro ao qual se pode confiar maior credibilidade. A Europa mostrou-se enquanto parceiro mais aberto, no sentido de acenar com maior facilidade de negociação, mas também em tornar-se um parceiro estável posto que dependente da Rússia – em termos de importação de petróleo e gás natural. Em seu conjunto, a Europa afigurava-se como um facilitador: seja para melhores termos de troca, barganha e, conseqüentemente, para a consolidação da cooperação.

Contudo, o mesmo impulso que deslocou a ênfase russa dos EUA para Europa, a defesa antimíssil, já surgia no horizonte como um aspecto crítico do relacionamento pretendido. Daí a contradição de que mesmo com o curso de sua política externa direcionada para a Europa e propenso à cooperação, mantenha-se viva a perspectiva de confronto.

O relacionamento contraditório entre a Rússia e a Europa nos constrange ao estudo de das crises do Kosovo, da Geórgia e da Ucrânia e mar Negro, para compreender as matizes secundárias que conformam seu perfil.

2.1 O Kosovo e o fim do alinhamento automático russo-estadunidense

A crise do Kosovo marca o ponto de inflexão na política interna e externa da Rússia. No âmbito interno as reformas autodebilitantes, encarnadas nas privatizações feitas sem critério e planejamento estratégico, cedem lugar às reformas autofortalecedoras, presididas pela preocupação em manter a integridade da Federação e a capacidade militar do Estado. No âmbito externo fica claro que, mesmo sendo democrática, a Rússia mantinha diferenças de interesse com os EUA. A motivação econômica sutil, subjacente ao drama que se desenrolava na ex-Iugoslávia, era a definição dos trajetos dos oleodutos e gasodutos que interligariam a Rússia à Europa (*South Stream*).

Ainda na década de 1990, período do governo de Boris Yeltsin (1991-1999), desenhou-se na Rússia um quadro político, econômico e social caótico. Esta realidade vai

Union, development of its capacity to present agreed positions in trade, economic, humanitarian, foreign policy and security areas [...]”.

¹⁰ Revolução Rosa – Geórgia, 2003; Revolução Laranja – Ucrânia, 2004; Revolução das Tulipas – Quirguistão, 2005.

influenciar as diretrizes de política externa, desenhando um quadro de relacionamento sinuoso com o Ocidente. Em um primeiro momento, Andrei Kozyrev (Ministro das Relações Exteriores da Rússia 1990-1996), instituiu uma linha de política externa “ocidentalista”, buscando uma aproximação plausível com as instituições e os interlocutores ocidentais, focando a retomada do crescimento e a estabilidade econômica do país. Já em 1993, o Conceito de Política Externa da Federação Russa (ZHEBIT, 1993), apresenta claros indícios de descontentamento com as respostas vindas do ocidente em termos práticos (a esperança frustrada de um Plano Marshal para a Rússia).

Abriu-se espaço para o relacionamento da Rússia com demais pares internacionais, mas, se manteve prioritário o relacionamento com os Estados Unidos. A mudança significativa só veio com a guerra do Kosovo e a ascensão de Ievgeni Primakov que assumiu o Ministério das Relações Exteriores (1996-1998) em um momento de maior estabilidade interna. A “doutrina Primakov” orientava suas políticas de forma mais equilibrada que Kozyrev, ponderando o alinhamento com o Ocidente a uma política “eurasianista”, demonstrando descontentamento frente às políticas ocidentais tidas como invasivas (KARASIK; LARRABEE, 1997; SHEVTSOVA, 2007; FREIRE, 2009).

Contudo, o verdadeiro *turning point* nas relações russo-estadunidenses pode ter sua motivação central no Cáucaso e não nos Bálcãs. Ekaterina A. Stepanova (1999) vincula claramente a mudança de atitude na política externa russa ao problema do separatismo russo, principalmente da região da Tchetchênia. Além disso, pode-se interpretar que houve uma modificação do posicionamento das próprias elites russas. Os oligarcas, como eram conhecidos os novos proprietários das antigas empresas estatais, esperavam obter financiamento e parcerias com o Ocidente que lhes facultaria ingresso acelerado no clube restrito dos grandes magnatas mundiais. Muitas vezes a política externa é o reflexo da política interna. As elites russas, antes ultraliberais defensoras de um estado mínimo, com a guerra da Tchetchênia perceberam que as armas ainda eram necessárias. Não mais para defender o socialismo, mas seus próprios negócios. A Guerra da Tchetchênia formou na Rússia a percepção de que o Ocidente não lhe deseja como parceiro, mas como uma espécie de dependente, uma semicolônia, que participaria na divisão do trabalho internacional apenas como fornecedora de matérias primas. Isto ameaçava a posição dos oligarcas enquanto classe, a degradação do estado russo sugeriu um rumo em que as próprias empresas de recursos naturais da Rússia seriam administradas pelos ocidentais em um regime semelhante ao da economia de enclave na América Latina. Não há um descarte total destas hipóteses, pelo

contrário, todas impactaram em alguma medida o comportamento de Moscou frente à investida ocidental no Kosovo (CEPIK; MARTINS, 2004, p.69-91).

A intervenção humanitária veio na esteira da expansão da OTAN para o Leste. Em sua primeira onda de expansão (1997) a OTAN incorporou os Estados da República Tcheca, Hungria e Polônia (se tornam membros oficialmente em 12 de março de 1999). Em 2002 são convidados a participar da organização Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia, aderindo oficialmente ao pacto em 29 de março de 2004. Em sua última onda expansionista, é protocolada a entrada de Albânia e Croácia (1º de abril de 2009) na OTAN (NATO, 2012).

A preocupação russa é factual: vê a OTAN como uma ameaça à sua segurança. Isto porque, de acordo com o Artigo 5º do Tratado do Atlântico do Norte, os Estados signatários do tratado acordam que um ataque em armas contra um ou mais membros da OTAN deverá ser considerado como um ataque a todos os membros. Como se pode ler abaixo:

As partes acordam que um ataque armado contra um ou mais delas na Europa ou na América do Norte deve ser considerado um ataque contra todas as partes e conseqüentemente acordam que, se tal ataque armado ocorrer, cada parte, em exercício de seu direito reconhecido de defesa individual ou coletiva pelo Artigo 51 da Carta Constitutiva das Nações Unidas, dará assistência a parte ou as partes então atacadas praticando sem demora, individualmente e em conjunto com as demais partes as ações que se julgarem necessárias, incluindo o uso de força armada, para restaurar e manter a segurança da região do Atlântico Norte. [...] ¹¹ (NATO, 1949, tradução nossa).

Além disto, é prevista mútua assistência entre seus membros, incluindo a possibilidade de uso das forças armadas com a finalidade de restaurar e manter a segurança em sua região de abrangência. Estas duas questões remetem um peso ainda maior ao projeto de expansão do bloco, principalmente no momento em que sua terceira fase faz alusão à adesão de Ucrânia e Geórgia ao bloco, aproximando-se significativamente da fronteira russa.

A preocupação russa pode ser resumida na percepção de Alexei Arbatov: tratava-se de evitar a formação de pequenos protetorados norte-americanos¹² ao longo de suas fronteiras, não se tornou apenas uma questão de respeito a princípios e sim, uma questão de segurança própria, senão, sobrevivência (ARBATOV, 2003, p. 27-31).

¹¹ Do original inglês: “*The Parties agree that an armed attack against one or more of them in Europe or North America shall be considered an attack against them all and consequently they agree that, if such an armed attack occurs, each of them, in exercise of the right of individual or collective self-defense recognized by Article 51 of the Charter of the United Nations, will assist the Party or Parties so attacked by taking forthwith, individually and in concert with the other Parties, such action as it deems necessary, including the use of armed force, to restore and maintain the security of the North Atlantic area. Any such armed attack and all measures taken as a result thereof shall immediately be reported to the Security Council. Such measures shall be terminated when the Security Council has taken the measures necessary to restore and maintain international peace and security*”.

¹² Em primeiro lugar Bósnia, depois Macedônia e Kosovo; podendo, quem sabe, espalhar-se para o Cáucaso.

Assim, os eventos no Kosovo sublinharam mudanças no padrão de comportamento e de política externa que a Rússia vinha desempenhando até então. O intervencionismo da OTAN obrigou Moscou se posicionar com firmeza a fim de conter as ações militares do bloco em seu entorno, e em defesa de seu posto no tabuleiro de decisões internacionais (McGUIGAN, 2009, p. 151-152, ARBATOV, 2003, p. 27-31).

2.2 A importância da Guerra da Geórgia e a (ins)estabilidade das relações com o Ocidente

Se a Tchetchênia e o Kosovo marcam uma diferença que, conquanto seja relevante, é ainda de tom ou de matiz na política externa da Rússia, a Geórgia encarna uma completa reviravolta em relação ao padrão dominante no início da década de 1990. Pela primeira vez a Rússia passa a ação militar para defender seus interesses em um claro desafio ao poderio estadunidense que estava solidamente assentado nas proximidades, no Iraque. Pode-se associar a crise militar da Geórgia com as dimensões que assumiu a crise econômica suscitada pelo *subprime*. Como a economia mundial é em grande medida dependente da credibilidade, pode-se inferir que, conjugadas, a guerra da Geórgia e o *subprime*, marcam o início efetivo da multipolaridade como forma dominante de equilíbrio internacional.

Do ponto de visto político interno russo importa registrar duas mudanças qualitativas. Em primeiro lugar, a retomada, por parte da União Federal, do controle sobre os hidrocarbonetos e a própria exportação de armamentos. Em um sistema que misturou a criação de *holdings* (Rosobronexport) com a reestatização pura e simples (setor de hidrocarbonetos) e processos por traição, corrupção ou espionagem (caso dos oligarcas), o estado russo retomou o controle sobre os bens críticos a segurança nacional. Desta feita, o emprego do meio militar estava a serviço direto dos interesses institucionais da própria Rússia. Também foi feita uma engenharia institucional para estabelecer um pacto de elites capaz de fazer frente ao terrorismo, ao separatismo e manter o estado de direito. Sua feição visível é o partido Rússia Unida que congrega praticamente todas as tendências existentes na Rússia em clara oposição às forças centrífugas simbolizadas no extinto Partido das Regiões. Pode-se dizer que a Guerra da Geórgia simboliza o fim do domínio da burguesia gangsteril (oligarcas) e uma nova etapa da vida nacional em que a burocracia através dos meios de pagamento da União, se empenha em construir uma burguesia nacional russa e uma economia solidamente assentada na sociedade da informação. Estes dois aspectos são cruciais

para compreensão ulterior do papel cumprido pelo Centro Tecnológico de Skolkovo e dos gastos militares da Rússia em 2012.

Embora a atuação da Rússia que sugeria apoiar o separatismo na Geórgia tenha criado dificuldades com seus parceiros da OCX, de um modo geral, predominou análises como de Marcel de Haas (2010), para quem o conflito em agosto de 2008, não foi meramente em defesa das repúblicas separatistas. Dessa forma revela-se no conflito russo-georgiano uma Rússia renovada e fortalecida a ponto de posicionar-se de maneira atuante na arena internacional. Foi, em larga medida, uma resposta do governo russo ao avanço ocidental em sua área de influência, principalmente aos planos de admissão de Ucrânia e Geórgia à OTAN. Neste sentido, faz-se alusão também à constante menção de proteção às minorias russas (*zarubezhëm*) nos países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), forma de manter-se ativamente influente nos países vizinhos. Não menos importante, é a relação à independência do Kosovo, cujo aceite ocidental abre precedente e deixa hiatos para a deterioração da estabilidade nas repúblicas separatistas.

A Guerra da Geórgia deteriorou o relacionamento entre as partes em sua totalidade (Rússia, Geórgia e organizações ocidentais – OTAN e União Europeia), resultando na ruptura de fóruns importantes de relacionamento (Conselho Rússia-OTAN, por exemplo). Complicou o relacionamento de Moscou com as repúblicas separatistas de seu território, visto o reconhecimento à independência da Ossétia do Sul e da Abecásia.

Mas, se o custo pago pela Rússia foi alto, por outro lado o recado foi claro. As linhas de fornecimento de energia para Europa dependem da chancela do estado russo. Ficou evidente a vulnerabilidade das linhas de transporte de energia e sua precariedade não apenas diante da ação militar direta da Rússia, mas de eventuais *proxis* seus. Este é o caso das milícias e forças de autodefesa da Ossétia, que usando mísseis ou foguetes de curto alcance podem atingir e inviabilizar qualquer gasoduto e oleoduto. Em suma, a segurança energética europeia no que diz respeito à Ásia passava a ter de levar em conta a Rússia.

2.3 Ucrânia e a situação estratégica do Mar Negro

A região do Mar Negro é uma encruzilhada geoestratégica onde historicamente convergem interesses de Turquia, Rússia, Ucrânia, os Bálcãs Orientais e o Cáucaso. Paulatinamente, com o processo de expansão da União Europeia, a dependência norte-americana dos aliados regionais para sua atuação no Iraque e a aspiração russa por influência

através da Eurásia, a região vem se tornando a nova fronteira estratégica de Rússia, e Estados Unidos em termos securitários (KING, 2008, p. 1-19).

Suscintamente a região importa por três razões:

(a) a Ucrânia é um dos principais *hubs* que une a Rússia à Europa, por seu território ainda passa cerca de 80% do gás natural exportado para a União Europeia e o oleoduto Druzhba responsável pelo escoamento de quase 30% do petróleo comercializado com o bloco (ADAM, 2008, p.158);

(b) na península da Crimeia é onde fica a base de Sevastopol que zela pela segurança da principal linha de comunicação marítima da Rússia¹³, onde se situa o porto de *Novorossiysk*, o sexto maior porto da Europa em volume de carga, e importante via de acesso marítima na Rússia¹⁴;

(c) o Mar Negro é também uma importante via, seja através do transporte marítimo ou de oleodutos e gasodutos submarinos, de comunicação entre o Cáucaso/Ásia Central e Europa.

A Política Energética para Europa, lançada em 2007, coloca as reservas de hidrocarbonetos do Mar Cáspio e da Ásia Central como uma importante fonte de diversificação de fornecedores de energia¹⁵. O documento prevê um aprofundamento dos diálogos e da relação com países produtores nas regiões, seja via Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e o Conselho de Cooperação do Golfo, ou implementando memorandos de cooperação com Azerbaijão e Cazaquistão. Além de ressaltar a necessidade de estabelecer novos laços com outros produtores chave na Ásia Central como Turcomenistão e Uzbequistão (COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES, 2007).

Ademais, é imperativo facilitar o transporte dos recursos energéticos para a Europa, Tal constatação impele, automaticamente, ao Mar Negro a função de corredor de trânsito para o escoamento de tais reservas, servindo enquanto ponte entre a Europa e as reservas centro-asiáticas. O interesse europeu, e compartilhado pela Ucrânia e Geórgia, é transformar a região

¹³ A rota Mar de Azov, Mar Negro, estreito de Bósforo, Mar de Mármara, o estreito de Dardanelos, o Mar Egeu e o Mar Mediterrâneo.

¹⁴ Os três maiores portos da Rússia em fluxo de carga são: Novorossiysk (Mar Negro) 81 milhões de toneladas; Primorsk (Báltico) 77 milhões de toneladas; São Petersburgo (Báltico) 57 milhões de toneladas. No Extremo Oriente o maior porto é Vostochny (Pacífico) 20 milhões de toneladas (AMERICAN ASSOCIATION OF PORT AUTHORITIES, 2010; VOSTOCHNY PORT, 2012).

¹⁵ De acordo com dados da Comissão de Energia da União Europeia, 36% das importações de gás natural, 31% das importações de petróleo e 30% das importações de carvão da União Europeia são provenientes da Rússia. Para a economia russa, estes dados representam, respectivamente, 80%, 70% e 50% da pauta de exportação russa para a União Europeia (EUROPEAN COMMISSION, 2012). O que aparentemente pode parecer uma maior dependência russa do mercado europeu é alterado se analisados cada país em específico. Desta forma, a dependência de hidrocarbonetos russos pode chegar quase a totalidade das necessidades energéticas (como é o caso da Polônia e dos países do Báltico).

em rota de fuga da dependência energética em relação à Rússia¹⁶. O que pode aparentar uma mera utilização geoeconômica da região, para simples passagem de infraestrutura de escoamento de hidrocarbonetos, possui um fundo geoestratégico, visto o interesse europeu em articular medidas políticas e econômicas através de estruturas institucionais compartilhadas¹⁷ (EMERSON, 2008, p. 253-277; MANGOTT, WESTPHAL, 2008, p.147-177).

Mais uma vez, o ponto conflitante é o avanço da OTAN. Assim como na Europa Central, o projeto de expansão da organização euro-atlântica prevê salvaguardar seus interesses securitários na região. Contudo, como bem colocado por Stephen Larrabee (2008, p. 278-79) a organização se depara com um desafio de maiores proporções do que o encontrado na Europa Central.

Da perspectiva russa, o avanço ocidental vem de encontro a seus interesses vitais. Moscou quer prevenir novas linhas divisórias na região e a expansão de coalizões militares que a excluam enquanto membro pleno ou, ao menos, influente. Em termos econômicos, quer garantir trânsito ininterrupto de bens comerciais (energia e manufaturados) e comunicações civis e militares, além de assegurar o livre acesso aos Estreitos de Bósforo, Kerch e Dardanelos, vitais para que alcance mares de águas quentes.

A respeito da Ucrânia, o interesse russo está na manutenção da influência de Moscou sobre Crimeia, garantido instalações no porto de Sevastopol, e no próprio governo ucraniano, evitando a dissidência do parceiro para o lado ocidental (interesse de Kiev em ser membro da OTAN e da própria União Europeia). Sem contar na manutenção de gasodutos e oleodutos que cruzam o território ucraniano, dos quais depende o transporte dos recursos energéticos russos para Europa – principal parceiro comercial. Neste sentido, ganha destaque o acordo de Kharkiv (Abril de 2010) o qual firmou a permanência da Frota russa do Mar Negro na Crimeia até 2042, em troca da venda de gás com descontos de até 30% e da renúncia das aspirações ucranianas a membro da OTAN. (BILOUSOV, 1999, p. 101-111; TAPIOLA, 2001, p. 1-12).

A preocupação russa com a Ucrânia voltou a ganhar destaque quando do exercício militar “*Sea Breeze 2011*”, entre Ucrânia e Estados Unidos. As manobras militares conjuntas levaram ao Mar Negro cruzador estadunidense a *Monterey*, uma embarcação do porte Ticonderoga dotado do sistema antimísseis *Aegis*, capaz de interceptar o sistema missilístico

¹⁶ A aqui considerada “rota de fuga” se refere a projetos de oleodutos e gasodutos que perpassam o território russo. Alguns já estão em funcionamento (BTC: Baku-Tbilise-Ceyhan), outros ainda em construção (Nabucco, White Stream).

¹⁷ Neste sentido pode-se citar a própria União Europeia e seu avanço para leste. Além de estímulos dados pelo bloco à regionalização como a Cooperação Econômica do Mar Negro (CEMN).

russo. O fato alertou as autoridades russas para possíveis alianças profundas de seu aliado com o ocidente, abrindo as portas de uma região estratégica e colocando-se ao alcance dos sítios lançadores de mísseis balísticos intercontinentais russos.

É importante lembrar que o cruzador *Monterey*, como veremos a seguir, foi destinado às águas europeias como parte do segmento europeu do sistema de defesa antimísseis estadunidense, este atinge a primeira etapa do programa a qual prevê a proteção da Europa do Sul com a alocação do sistema marítimo nos Mares Adriático, Egeu e Mediterrâneo (CANCILLERÍA ..., 2011).

3 EMBATE DE TENDÊNCIAS: COOPERAÇÃO E CONFRONTO NO RELACIONAMENTO RUSSO-EUROPEU

De acordo com a Public Law 106-38 (1999), a National Missile Defense (NMD) consiste na política dos Estados Unidos para implantar um sistema de Defesa Missilística Nacional capaz de defender o território dos Estados Unidos contra ataques de mísseis balísticos – quer acidental, não autorizado, ou deliberado (PUBLIC LAW 106-38, 1999).

O texto inicial da lei enfatizada o termo “ataque limitados” posto que ainda estava em vigor o Tratado ABM de 1972. Contudo, em 13 de Dezembro de 2001 os Estados Unidos denunciaram o Tratado ABM que, como prevê o dispositivo, deixou de vigorar seis meses depois (13 de Junho de 2002) (MISSILE DEFENSE AGENCY, 2012). Desde então, não há mais qualquer restrição de ordem legal que constranja o desenvolvimento do escudo antimíssil¹⁸.

A ideia de um escudo antimíssil surgiu ainda na década de 1950. Desde então, em paralelo com os desenvolvimentos missilísticos e espaciais, desenvolveram-se sistemas para neutralizá-los. Em 1957, em um curto intervalo de dois meses, a URSS lançou seu primeiro míssil balístico intercontinental (R-7 Semyorka/SS-6 Sapwood) e pôs em órbita o satélite Sputnik (com o mesmo propulsor). O feito tecnológico causou forte viva impressão no mundo e os EUA aceleraram os programas que tinham como finalidade neutralizar mísseis balísticos (ABM¹⁹) e satélites (ASAT²⁰). A URSS fez o mesmo. No início da década de 1970 ambos os países já haviam conduzido um número considerável de testes antimíssil e antissatélites. Contudo, naquela época, os sistemas antimísseis e antissatélites eram baseados no uso de foguetes análogos aos utilizados em mísseis balísticos e faziam uso de munição nuclear²¹ (ÁVILA, 2008, p.25). Foi justamente o virtuosismo dos sistemas ABM e ASAT que tornou

¹⁸ Como mencionado anteriormente, dentre os projetos que integram o NMD está o Sistema de Defesa de Mísseis Balísticos (BMDS – *Ballistic Missile Defense System*), cujo principal sítio de atuação é a Europa. A tecnologia de defesa de mísseis desenvolvida, testada e implementada pelos Estados Unidos é designada a conter misseis balísticos de todos alcances – curto, médio, intermediário e longo. Os elementos da defesa de mísseis são operados pelo pessoal do Comando Estratégico dos EUA, Comando EUA do Norte, Comando EUA do Pacífico, Forças EUA no Japão, Comando Europeu dos EUA, e outros. Os Estados Unidos possui programas de cooperação em defesa missilística com uma série de aliados, incluindo Reino Unido, Japão, Austrália, Israel, Dinamarca, Alemanha, Holanda, República Tcheca, Polônia, Itália e outros. A Agência de Defesa de Mísseis (MDA – *Missile Defense Agency*), responsável pelo projeto, também participa ativamente das atividades da OTAN de forma a maximizar as oportunidades para desenvolver um sistema de capacidade de defesa antimíssil balístico integrado (MISSILE DEFENSE AGENCY, 2012).

¹⁹ ABM – Anti-Ballistic Missile.

²⁰ ASAT – Anti-Satellit.

²¹ Como se verá adiante, atualmente a microeletrônica permitiu que mísseis antiaéreos e ogivas convencionais cumpram a mesma função, o que tornou o custo econômico, humano e político sustentável. Paradoxalmente o emprego em larga escala de mísseis balísticos (hoje simplesmente denominado Surface AirMissil – SAM) é muito mais atual hoje que na Guerra Fria.

presente o risco de uma guerra termonuclear. Como resultado, em 1972 EUA e URSS fizeram um acordo para assegurar a manutenção das vulnerabilidades recíprocas, isto é, para limitar o desenvolvimento de sistemas ABM e ASAT. Importa sublinhar o sentido anti-intuitivo do acordo de 1972, preservar vulnerabilidades significava adotar uma atitude realista que tinha como finalidade o equilíbrio e não a hegemonia. Isto precisa ser evidenciado para que nos dias de hoje se avalie devidamente a importância da NMD: tenciona contra o equilíbrio na direção da primazia nuclear (negar a possibilidade de destruição mútua assegurada) (LIEBER; PRESS, 2006).

Isto ficou claro ainda com a SDI de Reagan, popularizada como “Guerra nas Estrelas”. Tratava-se de tornar a guerra termonuclear possível para definir um vencedor na Guerra Fria. O que, como vimos anteriormente, acabou sendo feito.

A SDI, agora renomeada como NMD, ressurgiu com força no governo de Bush Jr. como parte da busca pela primazia nuclear estadunidense. Os atentados de 11 de Setembro temporariamente retiraram a ênfase neste tipo de sistema de defesa que, contudo, foi revigorada a partir de duas iniciativas. A primeira, o “*Global Strike*”²² que pretendia valer-se de mísseis balísticos baseados em terra ou submarinos para destruir células terroristas. Embora não fosse subordinado à MDA, portanto não integrasse a NMD, o *Global Strike* deu fôlego para dotações orçamentárias que sustentam pesquisas e desenvolvimento comuns à mísseis balísticos e antiaéreos (antibalísticos) (KRISTENSEN, 2006). Contudo, o impulso definitivo veio com a tese do “eixo do mal” representado por Estados como Iraque, Coreia do Norte e Irã, que supostamente poderiam fazer uso de mísseis balísticos em apoio ao terrorismo internacional. Ainda em 2001, o sistema foi de fato instalado no Alasca e na Califórnia, em decorrência do impacto causado pelos atentados de 11 de Setembro de 2001²³ (HEURLIN, 2005, p. 58-64; HILDRETH; EK, 2011, p. 255-256; MISSILE DEFENSE AGENCY, 2012a).

A iniciativa para ampliação do NMD para a Europa ocorreu no mesmo ano de 2001. O argumento utilizado foi a ameaça de ataques às forças da OTAN pelo Irã, inclusive com o

²² De fato o programa é bem mais antigo. Como no caso da SDI/NMD, ele teve seus argumentos atualizados após o 11 de Setembro. Até então, o programa era considerado inviável pelo risco de provocar uma guerra nuclear. A ideia inconfessável, subjacente ao *Global Strike*, parece ter sido a de utilizar munições convencionais para destruir mísseis balísticos intercontinentais em seus silos endurecidos de concreto. Este é o viés pela qual o *Global Strike* se associa a NMD: os mísseis antibalísticos destruíram os remanescentes que fossem enviados em um ataque de represália. Importa é que com o *Global Strike* tomou corpo, pela primeira vez, a ideia de desarmar um adversário nuclear usando exclusivamente ogivas convencionais. A perspectiva pode parecer fantasiosa para a Rússia, mas parecia altamente plausível para um arsenal menor como o da China, cujo arsenal é estimado (2010) em torno de 60 mísseis balísticos intercontinentais (KRISTENSEN; NORRIS, 2011, p. 85).

²³ A justificativa para a instalação deste sistema antimíssil foi a ameaça representada pelas armas norte-coreanas. Ainda que sabido pelo alto escalão militar norte-americano que o alcance dos mísseis da Coreia do Norte não atingia o território dos EUA.

possível uso de armamento nuclear²⁴. A proposta gerou reações negativas entre os membros do bloco europeu. Muitos consideravam que o Irã não representava qualquer risco a segurança regional. Ao contrário, a instalação do escudo antimíssil poderia fazer da Europa um alvo para grupos extremistas e deteriorar as relações com os países do Oriente Médio.

Aqui cabe uma breve avaliação sobre a real capacidade missilística iraniana. Ao que se sabe, este país não possui vetores para atingir o território europeu (ver Ilustração 1). O míssil balístico iraniano de maior alcance, até agora conhecido, é o *Shahab-3* com capacidade de alcance de 2.000 km. Este alcance permite apenas atingir a Turquia (membro da OTAN) e alguns países do Leste Europeu (KASSIANOVA, 2005, p. 103-105; HILDRETH; EK, 2011, p. 267-273).

Ilustração 1 – Área de Proteção Bases Terrestres NMD (projeto 2001) versus Área de Alcance Shahab-3.



Fonte: OBAMA SHELVES..., 2009.

Segundo Grushko, a “Rússia não está convencida pelo argumento estadunidense de que o sistema não é direcionado contra ela. [...] Um sistema de defesa permitiria um golpe rápido na estratégia de dissuasão da Rússia; desta forma a Rússia seria forçada a tomar as medidas adequadas em resposta” (2008, p. 31). Restou evidente o que o escudo antimíssil na

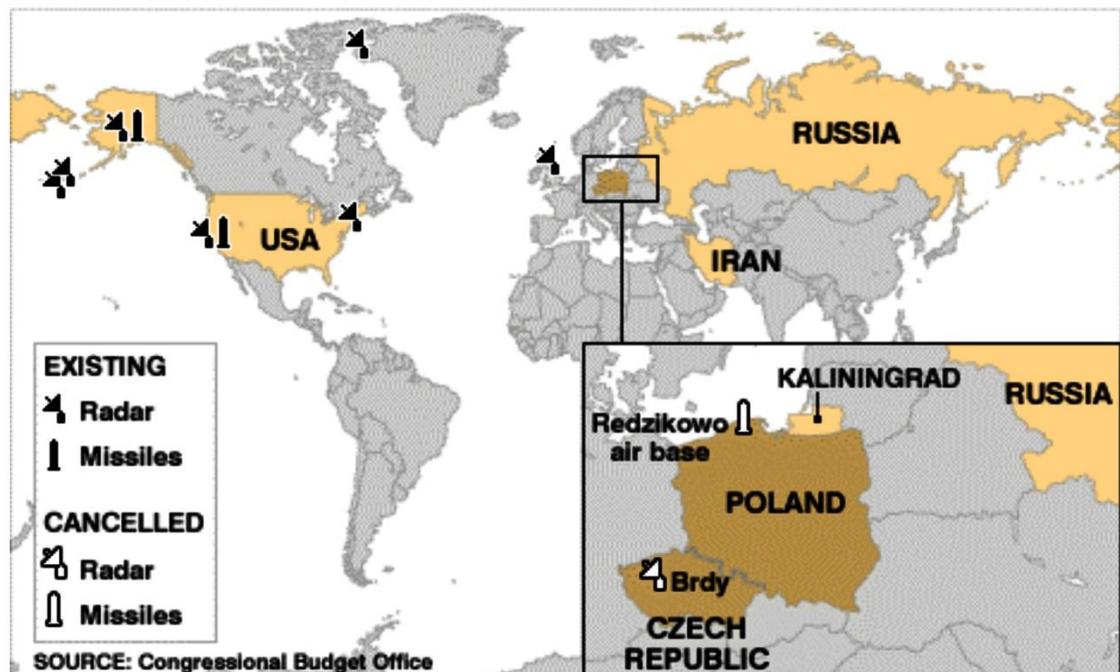
²⁴ Tal posição foi mantida mesmo após a avaliação de especialistas que o programa de armas nucleares iraniano foi suspenso em 2003 (HILDRETH, EK, 2011, p. 255).

Europa Oriental está voltado contra a Rússia, e que seu verdadeiro objetivo é criar uma barreira minando a capacidade estratégica desta (VIZENTINI, 2011, p.239).

A proposta inicial do NMD para a Europa incluía a instalação de dez bases com sítios de mísseis para interceptação na cidade de Redzikowo na Polônia e um radar fixo na cidade de Brdy na República Tcheca. Barcos equipados com estações de defesa de mísseis balísticos (cruzador *Monterey* equipado com radar da classe *Aegis*) seriam ancorados na cidade de Rota, na Espanha. Além de outro radar transportável, em um terceiro sítio não definido, mas próximo ao Irã. O custo previsto para o sistema de defesa europeu, estimado pela administração Bush, estava em torno de quatro bilhões de dólares. Até o momento, alguns avanços no campo do financiamento do projeto já podem ser inferidos. Em 2008, o orçamento de defesa solicitou cerca de 310 milhões de dólares para investir no projeto; em 2009, a requisição foi de 712 milhões de dólares para o desenvolvimento e instalação do escudo europeu. Ademais, foi aprovado o valor de 618 milhões de dólares para emprego no terceiro sítio²⁵. A utilização de todos os recursos dependia, todavia, da ratificação dos acordos pelos governos da Polônia e República Tcheca. (HILDRETH, EK, 2011, p. 256; DEPARTMENT OF DEFENSE USA, 2012, p. 6; O' ROURKE, 2012, p. 8,21).

Ilustração 2 – Mapa Localização Bases Terrestres NMD.

Ground-based US missile defence locations



Fonte: OBAMA SHELVES..., 2009.

²⁵ A administração Obama, em 2010, propôs um adicional de 50,5 milhões de dólares para ser investidos no projeto (HILDRETH, EK, 2011, p. 256).

Em 2008, a mudança política no cenário doméstico estadunidense refletiu no curso do projeto em território europeu. A administração Obama, iniciada em 2008, num primeiro momento, sinalizou não ter tanto comprometimento com a continuidade dos projetos de segurança de seu antecessor. No entanto, tão logo em 2009, retoma o posicionamento favorável ao projeto europeu. A aprovação do The Phased Adaptive Approach for Missile Defense in Europe (ou European Phased Adaptive Approach – EPAA) (ver Anexo B para alcance do projeto), estabeleceu novas diretrizes e definiu temporalmente as ações para a implementação do NMD na Europa. A revisão, e posterior aprovação, da proposta da administração anterior foi recomendação do Secretário de Defesa, Robert Gate, e dos Chefes do Estado Maior²⁶ feita com base em dois acontecimentos:

- a) avaliação da ameaça e;
- b) avanço nas capacidades tecnológicas.

Em termos de avaliação da ameaça foi constatado que, ao contrário do inicialmente previsto, o Irã acelerou o processo de desenvolvimento de mísseis balísticos de curto e médio alcance e desacelerou os projetos de mísseis balísticos intercontinentais. No tocante às capacidades tecnológicas estadunidenses, são ressaltados os constantes avanços no desenvolvimento e melhora de interceptadores, como a versão avançada do SM-3 (MISSILE DEFENSE AGENCY, 2009).

O documento (MISSILE DEFENSE AGENCY, 2009) deu uma nova direção ao sistema de defesa europeu, rompendo com os planos da administração Bush. O projeto de Bush previa a implementação de dispositivos de defesa terrestres similares aos existentes na Califórnia e Alasca. O novo texto, feito pela administração Obama, contém duas alterações sutis, mas que importam para a manutenção do equilíbrio e uma coexistência pacífica entre EUA e Rússia. Em primeiro lugar, Obama substituiu a ideia de uma defesa antimíssil baseada em terra pelo emprego de sistemas *Aegis* embarcados em cruzadores da Classe Ticonderoga e destróieres da Classe *Arleigh Burke*. Em segundo lugar, passou a ratear os custos da NMD com os europeus através da criação do já referido EPAA²⁷, pela qual os europeus passariam a arcar com o financiamento do sistema²⁸.

²⁶ Do original inglês: *Joint Chiefs of Staff*.

²⁷ European Phased Adaptive Approach .

²⁸ Em 2010 a administração Obama passou a contar com o apoio da OTAN para a implantação do NMD na Europa (projeto EPAA). Na Cúpula de Lisboa, em 2010, os chefes de Estados membros da organização aprovaram o Novo Conceito Estratégico, no qual foi tomada a decisão que a organização desenvolveria as capacidades de defesa missilística contra a crescente ameaça advinda da proliferação de mísseis balísticos. Desta forma, os membros deram às boas-vindas ao projeto estadunidense, clamando a coletividade da segurança de seus territórios pelo Artigo 5º de seu tratado constitutivo. Para tanto, acordaram em investir US\$ um bilhão em capacidade de infraestrutura de comando, controle e comunicação (ROSE, 2012).

Embora não tenham sido saudadas ostensivamente pelos russos elas tiveram efeito tranquilizador. Isto se deveu a duas razões:

(a) nos navios os mísseis antiaéreos (antibalísticos) podem ser rastreados com relativa facilidade pelos múltiplos sistemas de inteligência, vigilância e reconhecimento dos russos²⁹ que, de antemão, podem prevenir-se da aproximação dos vasos de suas costas.

(b) a crise de 2008 já estava em curso e era duvidosa a motivação e a capacidade de pagamento da Europa para custear a defesa antimíssil.

Contudo, como se verá adiante, a disputa presidencial trouxe novidades que preocuparam genuinamente os russos.

3.1 As implicações da NMD para Estados Unidos, Europa e Rússia

Para os Estados Unidos ainda importa do peso que a NMD exerce em seu cenário político doméstico e como é refletida nas diferentes estratégias de democratas e republicanos para as relações internacionais. Segundo Vizentini:

Há também que fazer uma diferença entre a estratégia dos Democratas e a dos Republicanos. Os primeiros são mais propensos ao multilateralismo e atribuem aos EUA um papel de *liderança*, a qual gerencia um código de valores e de conduta que o país está afirmando no mundo, apoiando-se para tal em organizações internacionais. Assim, tal visão implica uma ingerência global e permanente, pois os Estados Unidos seriam o *centro de um sistema mundial*. Os segundos, ao conceberem seu país como a maior potência, tendem a considerá-lo um *comandante em chefe*. Preferindo as relações bilaterais, nas quais a nação americana seria sempre o lado mais forte, os Republicanos parecem mais dispostos a não organizar tanto o mundo, mas exercer seu poderio com violência sempre que o concebido pelos democratas. Entretanto, com qualquer dos dois partidos, o papel dos EUA será decisivo para o estabelecimento de uma Nova Ordem Mundial (VIZENTINI, 1999: 133).

As eleições estadunidenses suscitaram oportunidade de por em evidência como estas abordagens distintas se refletem na NMD. Para os democratas a NMD é apenas mais um instrumento da manutenção da hegemonia americana enquanto que, para os republicanos, assume o papel de centralidade através da primazia.

Para os democratas a NMD, suas ramificações no Leste Asiático (Japão) e, sobretudo, na Europa, são parte da manutenção da hegemonia americana através de sua inserção regional. Esta inserção é efetuada através de vários mecanismos econômicos e políticos, privados e públicos, e embora importantes, as parcerias militares são mais uma consequência

²⁹ Trata-se de uma rede múltipla que emprega desde a baixa tecnologia traineiras, espiões, aviões e helicópteros de vigilância e reconhecimento, estações de sinais que monitoram as comunicações da frota, a rede de submarinos, os satélites (que monitoram comunicações e sinais), até os satélites de órbita geosíncrona de vigilância dotados de lentes poderosas de altíssima definição.

da presença estadunidense que a chave de seu mecanismo. A paleta de recursos estadunidenses é composta por dispositivos que vão desde os mecanismos de crédito, passam pelas *joint ventures* empresariais, e chegam à cláusula de nação mais favorecida. O modelo americano de negócios e vida pública, seu poder brando, tem papel de primazia. Além dos bens tangíveis (mercadorias, negócios, serviços) as instituições políticas, a democracia de massa, e o constitucionalismo são bens intangíveis que, contudo, possuem peso considerável.

Nesta perspectiva cumpre salientar que, em alguns casos, as parcerias militares resultam mais da iniciativa dos aliados regionais em preservar estes valores que, propriamente, de um esforço estadunidense de impor-se. O caso do Japão é emblemático, o desenvolvimento do escudo antimíssil japonês está relacionado à percepção de ameaça do país asiático em relação à Coreia do Norte. Naturalmente, há uma relação de retroalimentação, a presença militar dos EUA e a rede de satélites favorecem a venda de material bélico americano e standardização nos moldes utilizados pelos Estados Unidos. Isto inibe tanto a criação de uma rede de satélites própria (comando do espaço), quanto o desenvolvimento de uma indústria bélica autóctone, já que munições (mísseis de qualquer tipo ou bombas) possuem datalink tático com o Sistema de Posicionamento Global (GPS)³⁰ estadunidense. O resultado líquido é o fortalecimento dos laços de dependência.

No caso da Europa há um ganho adicional: a presença de estações da NMD indispõe a Europa com a Rússia, e inibe a rede de satélites (Galileo) e a indústria bélica já existente. De fato, os imperativos de interoperabilidade dificultam ao extremo, se não impossibilitam a adoção de material bélico europeu. Assim, apesar de exportar para o terceiro mundo, as principais munições da Europa são *made in USA*. Mais importante, o mercado da Europa Leste, que teve de aderir à standardização da OTAN, foi disputado em bases desiguais, com considerável vantagem às empresas estadunidenses. Isto atinge diretamente a economia de escala na Europa.

Apenas para se tomar um exemplo, o *Eurofighter Typhoon*³¹ quase foi inviabilizado em virtude de seus altos custos. Estes, por sua vez, se deveram à falta de encomendas da Europa Leste, que se sentiu mais segura adotando o F-16 *Falcon* norte-americano. Portanto, para os democratas, a mera existência da NMD é suficiente para assegurar os objetivos de

³⁰ Do original inglês: *Global Positioning System* (GPS).

³¹ Trata-se de um caça feito por consórcio europeu EADS, que congrega empresas de origem alemã, espanhola, francesa, inglesa e italiana. Seus usuários atuais são: Áustria, Alemanha, Itália, Arábia Saudita, Espanha e Reino Unido. Pode observar que apenas Áustria e Arábia Saudita não são membros do consórcio e possuem o avião. Em compensação, a França que é membro, sequer o adquiriu para uso próprio. Entre os possíveis compradores encontram-se: Índia, Japão, Grécia. Já o F-16 Falcon, atualmente já é utilizado pela Polônia e Grécia, está em processo de aquisição pela Romênia, e é considerado um forte candidato para a Força Aérea da Croácia.

política externa estadunidense. Inexiste qualquer demanda de ampliá-la ou de procurar ameaçar seriamente as capacidades de segundo ataque da Rússia.

Esta percepção pode ser fundamentada na preparação militar. A NMD, sob o governo dos democratas, passou a andar em passo de tartaruga após a assinatura do *New START Treaty* (2008). De início as baterias sediadas na Polônia não possuíam mísseis. Posteriormente foram vendidos alguns *Patriot* (MIM-104), contudo, em números pouco expressivos. Ademais, segundo relatórios não confirmados, consistiriam nas versões de alcance mais reduzido, situadas entre vinte e setenta quilômetros. Obama parece ter desenvolvido uma manobra procrastinatória dirigida ao Congresso e a imprensa para obscurecer a acomodação com os russos. Anunciou que a defesa antimíssil europeia seria operada a partir do mar através dos cruzadores e destroieres *Aegis* (classes *Ticonderoga* e *Arleigh Burke*). Dos 84 cascos ativos pertencentes a estas classes, apenas 29 receberiam o RIM-161, capaz de interceptar mísseis balísticos e satélites (MDA, 2009). Ainda assim, segundo relatórios não confirmados, até o fim da primeira gestão de Obama, no máximo quatro cascos estariam aptos a fazê-lo: USS *Lake Erie* (CG-70), USS *Shiloh* (CG-67), USS *Decatur* (DDG-73), USS *Russel* (DDG-59)³². O principal estratagema residiu na decisão de não utilizar o *Patriot* (MIM-104) a partir de bases terrestres como principal interceptador. Optou-se por desenvolver uma versão terrestre do RIM-161 que só ficaria pronta em 2015 e completamente instalada apenas em 2018. Este calendário, como se verá a seguir, daria tempo suficiente aos russos para modificar o perfil de suas forças de segundo ataque (LEHNER, 2010; MISSILE DEFENSE AGENCY, 2012).

Este não é o caso dos republicanos, para os quais a NMD é um instrumento efetivo de poder e de exercício de uma política externa que não raro faz uso da violência. A primazia nuclear, isto é, a incapacidade de um adversário da América responder a um ataque nuclear com outro está em consonância com este comportamento. Embora a obtenção da primazia em si seja uma meta de exequibilidade altamente questionável, sua mera busca é suficiente para intimidar e restringir a autonomia das grandes potências. Em tese, isto permitiria que o exercício da diplomacia coercitiva por parte dos Estados Unidos seja feito de modo impune. Contudo, para atingir esta meta é preciso que capacidade instalada da NMD na Europa ameace efetivamente as capacidades russas de segundo ataque.

Como no caso anterior, a credibilidade depende da preparação militar. Caso os republicanos tivessem saído vencedores da eleição de 2012, o que mudaria neste âmbito? Em

³² Os três primeiros protagonizaram teste de fogo com o RIM-161. Até o presente foram disparados dezenove RIM-161 SM-3 em dezesseis diferentes testes resultando em dezesseis interceptações. O USS *Russel* (DDG-59) esteve presente em alguns dos testes e se acredita que tenha auxiliado nas funções de rastreamento e alvejamento (LEHNER, 2010).

primeiro lugar possivelmente as guarnições estadunidenses (e não apenas polonesas) receberiam mísseis *Patriot* (MIM-104). Além da diferença óbvia de proficiência os *Patriot's* operados no âmbito da NMD (e não da força aérea polonesa) possuem facilidade de comunicação e linkagem com radar da República Tcheca e a rede de satélites. Além disso, de imediato se instalaria a versão do *Patriot* MIM-104 de alcance de 160 quilômetros e, naturalmente, em números mais expressivos (efetivo superior ao atualmente único batalhão). Isto seria suficiente para comprometer toda a capacidade de segundo ataque russa baseada em aeronaves (*Tupolev* Tu-95, Tu-160), ou seja, comprometeria toda a aviação estratégica russa. Ademais se aceleraria a disponibilidade orçamentária para conversão do RIM-161 em vetor terrestre. Neste caso haveria comprometimento de toda capacidade de segundo ataque russo, de sua rede de satélites de posicionamento (GLONASS), e mesmo dos satélites de observação de órbita geosíncronica. Isto é possível devido ao alcance de 500 quilômetros do RIM-161 e o teto de combate (único no mundo) de 160 quilômetros de altitude (PARSCH, 2012). Trata-se, em suma, de uma verdadeira barreira antimíssil capaz de comprometer toda a capacidade aeroespacial russa (nuclear e convencional).

Ainda na Cúpula de Chicago (maio de 2012), o secretário geral da OTAN anunciou que a Capacidade Interina³³ do escudo de defesa europeu se tornou realidade. Segundo Rasmussen: “Este é o primeiro passo em direção a nosso objetivo de longo prazo de prover total segurança e proteção a todas as populações, territórios e forças europeias da OTAN. Nosso sistema irá unir recursos de diferentes aliados – satélites, navios, radares e interceptadores – sob o comando e controle da OTAN³⁴” (RASSMUSSEN..., 2012). Anterior ao anúncio oficial da OTAN, Nikolai Marakov, Chefe do Estado Maior Geral da Rússia³⁵, já havia esboçado reação de desgosto não descartando o uso preemptivo de armas contra o sistema de defesa antimíssil europeu sob o argumento de a aliança ocidental não dar garantias legais de o sistema não ser dirigido de forma a minar a dissuasão estratégica nuclear da Rússia (RUSSIA DOES NOT..., 2012).

Por fim, ainda do ponto de vista estratégico, o NMD teria outra função não caracterizada como defensiva. Caso a Rússia procure consolidar sua projeção regional para o

³³ Segundo a OTAN, a Capacidade Interina (*Interim Capability*) apresenta uma capacidade básica de comando e controle que foi instalada e testada na Sede Alliance Air Command (Headquarters Alliance Air Command) em Ramstein, Alemanha (RASSMUSSEN..., 2012).

³⁴ Do original inglês: “*It is the first step towards our long-term goal of providing full coverage and protection for all NATO European populations, territory and forces. Our system will link together missile defense assets from different Allies - satellites, ships, radars and interceptors - under NATO command and control*”

³⁵ Chief of Russia's General Staff.

“exterior próximo”³⁶, os mísseis da OTAN poderiam interceptar ataques de Moscou contra eventuais alvos no Leste Europeu. Também, caso seja incrementado o projeto original com a presença massiva de navios com radares espalhados pelo Mar Mediterrâneo e pelo Mar Negro³⁷, a proteção contra ataques a áreas de interesse do Kremlin se tornaria realidade (KRON, 2009, p. 54).

Se por um lado os russos revelaram-se capazes de conviver, com relativa facilidade, com o projeto NMD dos democratas, permanece incerto o que farão frente aos dos republicanos que, cedo ou tarde, chegarão à Casa Branca.

3.2 Compreendendo a NMD para Europa e a resposta russa

Ioanna-Nikoletta Zyga (2012) traz importantes contribuições inserindo ao debate a visão russa de estabilidade estratégica e de que forma esta induz a condução da política externa e de segurança do país. O desenlace do processo de estabelecimento do sistema de defesa antimíssil vem gerando muitos constrangimentos entre as partes envolvidas. Apesar da reformulação empreendida pela administração Obama, o Kremlin insiste no argumento de que o Irã não representa ameaça aos Estados Unidos e seus aliados europeus, sendo a única razão da implantação do sistema na Europa neutralizar a capacidade estratégica russa. Este argumento, amplamente difundido entre os oficiais de alto escalão do governo russo, torna-se base para a demanda de Moscou por garantias legais que o sistema não irá minar a dissuasão estratégica russa.

A autora é enfática quando afirma a impossibilidade de cooperação entre as partes no estágio atual do debate, imprimindo opinião cautelosa sobre possíveis avanços no campo cooperativo. A inviabilidade de cooperação em um sistema conjunto se dá por constrangimentos políticos e não técnicos. Ademais, influencia aqui a diferente percepção de ameaça das partes, não havendo consenso contra quem o sistema proverá segurança. Sem contar que o desenvolvimento de um projeto cooperativo a este nível implicaria em uma

³⁶ São inúmeros os indicativos de que a Rússia busca manter-se influente na região que se convencionou chamar de “exterior próximo”. Como visto ao longo deste, o repúdio em relação ao avanço da OTAN é factível. Em contrapartida o governo russo vem se precavendo com medidas para institucionalizar a integração econômica da região, como a recente União Euroasiática lançada por Vladimir Putin em 2011. Outras iniciativas também indicam esta preocupação do Kremlin, como a formação do Fórum Quadrilateral (Afeganistão, Paquistão, Rússia e Tadjiquistão) e a possibilidade do desenvolvimento de estratégias e parcerias de cooperação na região da Ásia Central e Meridional (MARTINS *et al.*, 2011).

³⁷ Neste ponto, o Mar Negro importa por ser curso para escoamento de petróleo e gás natural, e por ser rota de passagem para acesso aos mares quentes via Estreito de Dardanelos e Bósforo, e pela alocação da base naval de Sevastopol na Península da Criméia.

genuína parceria securitária implícita, o que levaria as partes acordarem com o Artigo 5º da carta constitutiva da OTAN, proposição inaceitável a ambos os lados (ZYGA, 2012: 9).

Outro espectro analítico que contribui ao debate toma por base a estabilidade estratégica mundial. Se vista sob a luz da doutrina da estabilidade estratégica, a negação russa ao sistema pode ser mais bem compreendida. Alia-se a esta, então, os preceitos de Mearsheimer (1983) e a importância da tecnologia de munição guiada de precisão, para melhor explicar de que forma a Europa age, histórica e contemporaneamente, como condicionante da PES da Rússia.

A doutrina da estabilidade estratégica foi formulada no rol conceitual da Guerra Fria, quando dos debates em torno da limitação das armas estratégicas entre a URSS e os EUA. Para os soviéticos, a definição conceitual de estabilidade estratégica abrangia tanto seu escopo de amplitude quanto de *stricto*.

Em seu sentido amplo, estabilidade estratégica era vista como um estado em que uma série de medidas políticas, econômicas, militares e outras tomadas pelas partes em oposição (coalisões) resultavam em nenhuma [das partes] sendo capaz de cometer agressão militar. Em seu sentido estrito, estabilidade estratégica era entendida como um estado das relações das forças armadas estratégicas, e das relações entre Estados (coalisões) que caracterizava um equilíbrio bastante igual das capacidades militares. Este estado implicou que nenhuma das partes iria tentar alterar o equilíbrio das forças militares ou tentar (por meio militares) estabelecer uma supremacia em relação ao outro por um longo período de tempo³⁸ (DVORKIN, 2011³⁹, p. 26 *apud* ZYGA, 2012, p. 10, tradução nossa)

Mesmo tendo servido enquanto base de formulação das doutrinas militares estadunidense e soviética, o termo estabilidade estratégica somente adquiriu a mesma conotação para ambos quando de sua primeira utilização conjunta⁴⁰. No entanto, a definição do termo é dada em 1990 quando da assinatura do U.S.-Soviet Joint Statement on the Treaty on Strategic Offensive Arms: “estabilidade estratégica foi [é] entendida como o equilíbrio de forças estratégicas entre a URSS e os Estados Unidos (ou o Estado das duas potencias estratégicas) onde não havia [há] incentivos para um primeiro ataque⁴¹” (ARBATOV *et al*,

³⁸ Do original inglês: “*In its broad sense, strategic stability was viewed as a state in which a series of political, economic, military and other steps taken by opposing parties (coalitions) resulted in neither being able to commit military aggression. In its narrow sense, strategic stability was understood as a state of nations’ strategic armed forces relations, and of relations between states (coalitions) themselves that featured a fairly equal balance of military capabilities. This state further implied that neither party would attempt to alter its military balance of forces or try (by military means) to establish supremacy over the other for a fairly long period of time*”.

³⁹ DVORKIN, Vladimir. Deterrence and Strategic Stability (Sderzhi vaniei strategicheskaya stabilnost). In: ARBATOV, Alexei; DVORKIN, Vladimir (Ed.). **Nuclear Reset: Arms Reduction and Nonproliferation**. Moscow: Carnegie Moscow Center, 2011.p.23-45.

⁴⁰ A primeira inferência conjunta a o termo é feita no documento “U.S.-Soviet Treaty on the Elimination of their Intermediate-Range and Shorter-Range Missiles (INF), de 1987.

⁴¹ Do original inglês: “*strategic stability was understood as such balance of strategic forces of the USSR and the U.S. (or such state of the two powers’ strategic relations) where there were no incentives for a first strike*”.

2010⁴² *apud* ZYGA, 2012, p.11, tradução nossa). A partir de então, o termo fora codificado e amplamente utilizado em tratados assinados pelas partes e em seus documentos de segurança nacional.

Ainda que finda a Guerra Fria, é perceptível que o conceito vigore nos ditames das políticas externas e de segurança de ambos, Estados Unidos e Rússia. Não obstante, segue com expressiva utilização nas diretrizes políticas russas, cabendo aqui questionar quais motivos os levam a figurar como destaque no planejamento das estratégias de segurança do país. Desta forma, há concordância entre as três linhas argumentativas aqui apresentadas e os estabelecidos por Ioanna-Nikiletta Zyga (2012).

Em primeiro lugar é evidente o maior peso dado por Moscou a seu arsenal nuclear que o faz Washington. As motivações para isso são de cunho militar, mas também político. A agitação política e econômica vivida na década de 1990 atingiu diretamente o escopo militar russo, deteriorando as capacidades convencionais do país. Desta forma restou ao Kremlin apoiar sua segurança nas capacidades nucleares estratégicas. Fato constatado em declarações de pessoal de alto escalão militar russo e confirmado na recente Doutrina Militar⁴³ do país: “Armas nucleares continuarão sendo um fator importante para prevenir a eclosão de conflitos nucleares e conflitos envolvendo ataques por meios convencionais (uma guerra de grande escala ou uma guerra regional) ⁴⁴” (RUSSIA, 2010, não paginado, tradução nossa). O documento segue destacando que, para fins de prevenção de conflitos e manutenção da estabilidade estratégica, a Federação Russa manterá seu potencial de dissuasão nuclear a níveis adequados. E ainda é declarado:

No âmbito da aplicação pela Federação Russa de medidas de dissuasão estratégica de natureza contundente, é prevista a utilização de armas de precisão. A Federação Russa se reserva o direito de utilizar armas nucleares em resposta a utilização de armas nucleares e outros tipos de armas de destruição em massa contra si e (ou) seus aliados, e também em caso de agressão contra a Federação Russa envolvendo o uso de armas convencionais em que a própria existência do Estado fique sob ameaça⁴⁵ (RUSSIA, 2010, não paginado, tradução nossa).

⁴² ARBATOV, Alexei *et al.* **Strategic Stability after the Cold War**. Washington: INEMO RAN, 2010.

⁴³ Tal documento é correspondente ao “Livro de Política de Defesa” (Livro Branco).

⁴⁴ Do original inglês: “*Nuclear weapons will remain an important factor for preventing the outbreak of a military conflict involving the use of conventional means of attack (a large-scale war or regional war)*”.

⁴⁵ Do original inglês: “*In the context of the implementation by the Russia Federation of strategic deterrence measures of a forceful nature, provision is made for the utilization of precision weapons. The Russian Federation reserves the right to utilize nuclear weapons in response to the utilization of nuclear and other types of weapons of mass destruction against it and (or) its allies, and also in the event of aggression against the Russian Federation involving the use of conventional weapons when the very existence of the state is under threat*”.

Em termos políticos o arsenal nuclear passou a assegurar também o status de grande potência da Rússia. Muito bem lembrado por Vladimir Putin em recente artigo publicado no periódico ‘Rossiyskaya Gazeta’:

“Exatamente este potencial [nuclear] nos ajudou a conservar a soberania no complicado período dos anos noventa [...]”⁴⁶, e segue: “[...] até que a ‘pólvora’ das forças nucleares estratégicas, [...], fique ‘seca’, ninguém se atreverá a desatar uma agressão de grande escala contra nós”⁴⁷ (VLADIMIR PUTIN..., 2012, não paginado, tradução nossa).

Em segundo lugar, a possibilidade de guerra não está totalmente descartada. Mesmo que o fim da Guerra Fria tenha encerrado o conflito Leste-Oeste, em um sentido ideológico, permanecem os interesses nacionais e as divergências inevitáveis. Enquanto existir o sistema interestatal não é razoável acreditar na eliminação da hipótese de guerra. Bem lembra Dmitri Trenin “no mundo de hoje, América [Estados Unidos] e Rússia não são mais adversários, mas eles também não se tornaram aliados, ou parceiros”⁴⁸ (TRENIN, 2005, p. 10).

Recentemente Putin declarou a existência da OTAN como um retrocesso à Guerra Fria, destacando: “[...] é incompreensível o porquê ainda existe”⁴⁹ (VLADIMIR PUTIN..., 2012, não paginado, tradução nossa). Mas a principal menção ainda está na Doutrina Militar russa a qual afirma estar dentre as principais ameaças externas para a Rússia:

[...] o desejo de dotar de força potencial a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) com funções globais efetuadas por violação das normas do direito internacional e de mover a infraestrutura militar dos países membros da OTAN para perto das fronteiras da Federação Russa, incluindo a expansão do bloco; [...] a criação e implantação de sistemas de mísseis de defesa estratégica minando a estabilidade global e violando a correlação de forças na esfera missilística nuclear, mas também a militarização do espaço e a implantação de sistemas de armas de precisão estratégicas não nucleares [...]”⁵⁰ (RUSSIA, 2010, não paginado, tradução nossa).

Por último está a preocupação advinda do uso de tecnologias de ponta na produção de novos armamentos. Já na década de 1980 John Mearsheimer (1983) alertava para a revolução que desenhava na esfera dos armamentos convencionais, cujo resultado principal seria a

⁴⁶ Do original espanhol: “*Exactamente este potencial nos ayudó a conservar la soberanía estatal en el período complicado de los noventa [...]*”.

⁴⁷ Do original espanhol: “*Hasta que la ‘pólvora’ de las fuerzas nucleares estratégicas, [...], se quede ‘seca’, nadie se atreverá a desatar un agresión a gran escala contra nosotros*”.

⁴⁸ Do original inglês: “*In today’s world, America and Russia are no longer adversaries, but they have not become allies, or even full partners*”.

⁴⁹ Do original inglês: “[...] *it is unclear why it exists today.*”

⁵⁰ Do original inglês: “[...] *the desire to endow the force potential of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) with global functions carried out in violation of the norms of international law and to move the military infrastructure of NATO member countries closer to the borders of the Russian Federation, including by expanding the bloc; [...] the creation and deployment of strategic missile defense systems undermining global stability and violating the established correlation of forces in the nuclear-missile sphere, and also the militarization of outer space and the deployment of strategic nonnuclear precision weapons systems [...]*”.

proliferação de armas de precisão extremamente acurada. Tais armas convencionou-se chamar de Munição Guiada de Precisão (Precision Guided Munition – PGM). O debate gerado por Mearsheimer em torno das PGMs questionava seu uso efetivo pela ação ofensiva e/ou defensiva, qual seja, em prol da dissuasão⁵¹. O autor então afirma: “Há poucas dúvidas que o desenvolvimento de PGMs e de diversas outras armas convencionais não tenha produzido nenhuma mudança radical na natureza dos campos de batalha convencionais⁵²” (MEARSHEIMER, 1983, p. 200, tradução nossa). O referido programa *Global Strike* e o teste do míssil hipersônico do qual se falará adiante atualizam para os dias de hoje as impressões de Mearsheimer acerca da importância da munição guiada de precisão. A combinação de acurácia associada à longa distância e à altíssima velocidade (acima de cinco vezes a velocidade do som) tornam a interceptação uma tarefa de extrema dificuldade.

Os russos tem plena consciência disto. Como se pode perceber a partir do discurso do presidente Vladimir Putin quando diz:

[...] há que se ter em conta que o progresso tecnológico e científico em diferentes esferas, começando com a aparição de novos tipos de armas e a maquinaria militar e acabando com as tecnologias de informação e comunicação, levou a uma mudança na qualidade do caráter da luta armada. **Assim, na medida que se tem aceito massivamente os meios não nucleares baseados em sistemas de armamento de alta precisão (SAAP) e de grande raio de ação, tem aumentado a tendência a reforçar seu papel como arma para a vitória inquestionável** frente ao rival, inclusive em um conflito global⁵³ (VLADIMIR PUTIN..., 2012, não paginado, tradução e grifos nossos).

Putin vai além e afirma: “Este tipo de sistema de armas será comparável, segundo o resultado de seu uso, às armas nucleares, mas serão mais ‘admissíveis’ no plano político e militar⁵⁴” (VLADIMIR PUTIN..., 2012, não paginado, tradução nossa). Ou seja, serão armas politicamente corretas, porém com o mesmo potencial de destruição de armas nucleares. A pergunta que se impõe é: a Rússia é capaz de acompanhar tamanho avanço tecnológico?

O período de crescimento econômico vivenciado a partir dos anos 2000 tem permitido à Rússia redirecionar parte do orçamento para projetos de modernização militar. Estimativas

⁵¹ Por dissuasão, como bem mencionado por Ávila (2008), entenda-se a ameaça real de que um ataque sofrerá retaliação de mesma e/ou maior intensidade tornando-o mais custoso do que quaisquer benefícios que poderia ser gerado por este.

⁵² Do original inglês: “*There is little doubt that the development of PGMs and assorted other new conventional weapons has not produced any radical change in the nature of the conventional battlefield*”.

⁵³ Do original espanhol: “[...] *hay que tener en cuenta que el progreso tecnológico y científico en diferentes esferas, empezando con la aparición de nuevos tipos de armas y la maquinaria militar y acabando con las tecnologías de información y comunicaciones, llevó a un cambio de calidad del carácter de la lucha armada. Así, a medida que se han aceptado masivamente los medios no nucleares basados en sistemas de armamento de alta precisión (SAAP) y de gran radio de acción, ha aparecido la tendencia a reforzar su papel como arma para la victoria inquestionable ante el rival, incluso en un conflicto global*”.

⁵⁴ Do original espanhol: “*Ese tipo de sistemas de armas serán comparables con las armas nucleares según los resultados de su uso, pero serán más ‘admisibles’ en el plano político y militar*”.

apontam que, na última década, o aumento dos gastos com defesa pelo governo russo é proporcional ao crescimento econômico do país (ver anexo D). Dentro do orçamento militar, este reforço está direcionado para as Forças Armadas, mas também para as armas estratégicas nucleares. Nos últimos anos a Rússia tem acelerado o desenvolvimento das novas gerações de ICBM, o Topol-M, e o míssil balístico Bulava.

O Programa Estatal de Armamentos prevê para o período de 2007-2015 a substituição de 45% do equipamento militar, com 20% do total alocado em armas nucleares estratégicas (MATHERS, 2012: 505). Em 2012, a atualização do Programa Estatal de Armamentos prevê para o ano 2020 70% de modernização do armamento russo. Para os próximos dez anos serão entregues às Forças Armadas: 400 mísseis balísticos intercontinentais com base terrestre e marítima, oito submarinos porta-mísseis estratégicos, 20 submarinos multifuncionais, 50 navios de guerra, 600 aviões modernos – incluindo caças de quinta geração, 1000 helicópteros, 28 complexos de mísseis S-400, 38 complexos de mísseis Iskander-M, além de 2.300 tanques e veículos (PLUTONIUM TO..., 2012). Contudo, como se verá a seguir, é duvidoso que estas metas sejam cumpridas integralmente.

Até o momento (2012) a reação russa à expansão do NMD eventualmente promovida pelos republicanos era previsível. Os russos pretendiam assegurar sua capacidade de segundo ataque em mísseis balísticos lançados de submarinos que, das águas territoriais russas, poderiam atingir os Estados Unidos. Esta necessidade foi sentida ainda pela então URSS que, ciente dos avanços da guerra antissubmarina, produziu a classe Tufão a qual sob a proteção de sua aviação e marinha podia, desde suas águas territoriais, assegurar um segundo ataque. Contudo, no governo Bóris Yelstin a classe foi desativada ou parcialmente convertida para lançar mísseis cruzador, em qualquer dos casos, perdeu sua função estratégica (KRÁMNNIK, 2010).

Só recentemente, como resposta ao lançamento da NMD (1999), é que a Rússia voltou a ocupar-se do problema. Foi então que ganhou fôlego a ideia, aventada desde 1996, de uma nova classe de submarinos lançadores de mísseis balísticos denominada Borei. A diferença de sua predecessora soviética, a Tufão, a classe Borei disporia de mísseis de combustível sólido de mesmo alcance (8.000 km). O míssil em questão é o Bulava, para alguns a versão navalizada do míssil balístico intercontinental Topol-M. O vetor de combustível sólido permitiu que a classe Borei cumprisse as mesmas atribuições da classe Tufão deslocando dez mil toneladas a menos e com um valor de custeio consideravelmente menor – ao alcance do orçamento da atual Rússia. Em síntese, o que permitiria o ajuste da Rússia a NMD dentro do quadro orçamentário existente, justamente o que a então URSS não conseguiu, é o crescente

domínio da microeletrônica associada a propulsão de combustível sólido. Além disso, o degelo do ártico permitiria uma nova zona de lançamento (além de Vladivostok) compreendida no entorno russo do próprio círculo polar. Diferentemente de Vladivostok, vulnerável ao sistema antimíssil japonês, ou dos mísseis baseados em silo na porção europeia da Rússia, vulneráveis aos mísseis antiaéreos situados na Polônia, a classe Borei poderia atuar de modo quase impune. A previsão original é que até 2018 estariam em serviço quarto cascos da classe Borei. Isto tornaria o debate sobre a NMD na Europa anacrônico ou fútil. A própria modernização das Forças Armadas russas se encarregaria de tornar o debate superado e remover este obstáculo da agenda diplomática russo-europeia (KRAMNIK, 2010; BASE NAVAL..., 2012; RUSIA APLAZA..., 2012).

Contudo, o risco representado pela eventual eleição Mitt Romney em 2012 colocou em evidencia certas debilidades estruturais da defesa estratégica russa. De fato a Rússia vivencia uma espécie de crise do êxito. Em 2004 orçamento da defesa chegou a quase 40 bilhões de dólares, estima-se que em 2012 tenha excedido a casa dos 70 bilhões de dólares, trata-se de um aumento considerável⁵⁵ (ver anexo D) (SIPRI, 2011; SIPRI, 2012). O resultado é que pela primeira vez na Rússia pós-soviética as encomendas de armamentos internas e externas passaram a concorrer. Em princípio ambos os setores se ressentiram disto. Ainda em 2011 Medvedev criticou abertamente a indústria por não honrar seus compromissos com o Estado (RUSSIAN DEFENSE..., 2011). Acredita-se que a Rússia tenha perdido posições na Índia por conta das dificuldades em honrar os cronogramas de entregas das licitações ganhas (RUSSIA FURTHER..., 2012).

O impacto se fez sentir na escassez de mão de obra. A indústria bélica convencional passou a ser também um concorrente para a indústria estratégica, cujos postos de trabalhos ainda são mal remunerados e que, após o desmantelamento da URSS, ressentiu-se da falta de verbas por um longo período⁵⁶. Segundo Ilia Kramnik, o fracasso dos testes envolvendo o *Bulava*, o que compromete a entrada em serviço da classe de submarinos *Borei* e todo o plano envolvendo a revitalização de capacidades de segundo ataque e neutralização do escudo antimíssil, tem atrás de si erros nem tanto de projeto, mas de execução técnica e da falta de mão de obra qualificada:

⁵⁵ O SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute) estima que em 2012 a Rússia se tornou o terceiro orçamento militar do mundo. Em um único ano ultrapassou a Inglaterra e a França, ficando apenas atrás de Estados Unidos e China.

⁵⁶ Importa lembrar que a indústria convencional, em sua grande maioria, é composta por companhias russas privadas e que as plantas responsáveis pela produção de armas estratégicas permanecem sendo estatais. O que gera uma compreensível disparidade de remuneração.

[...] o *Bulava* é um projeto completamente novo para o Instituto de Tecnologia Térmica de Moscou (ITTM) sem experiência no projeto de mísseis de colocação em submarinos. [...] o último teste bem sucedido demonstrou que os atuais problemas no desenvolvimento do *Bulava* se devem principalmente, a defeitos na cadeia de produção e controle de qualidade deficiente. [...] As dificuldades [são] agravadas pelo caráter aleatório de cada uma das falhas. Não foi um defeito especial do projeto, e sim um processo de decadência substancial na gestão da produção. Isto quer dizer que a correção de alguns defeitos não garante que não apareçam outros novos. Esta decadência geral é mais grave por problemas típicos da época soviética relacionados com o controle de qualidade da produção em série que ainda existem nas fábricas russas ⁵⁷(KRÁMNIK, 2010, não paginado, tradução nossa).

O recente fracasso de três lançamentos consecutivos de satélites do sistema GLONASS, decisivos para guiagem de armas, sobretudo dos novíssimos *Yars* e *Topol* de combustível sólido, podem ter o mesmo pano de fundo.

As respostas da Rússia têm sido presididas por um sentido de urgência e evidenciado certa precariedade. Em primeiro lugar, a despeito do êxito aparente no domínio da propulsão de combustível sólido, voltou a produzir mísseis de combustível líquido. O resultado é que a classe *Borei* não tem estrutura ou condições para abrigá-los, tampouco os lançadores móveis e novamente os novos mísseis (de 100 toneladas) terão de ser abrigados em silos subterrâneos (RUSSIA TO BUILD..., 2011; RUSSIA TEST..., 2011; RUSIA CREAMÁ...2012; RUSIA APLAZA..., 2012). Se por um lado apresenta maior capacidade de entrega (ogivas e iscas para enganar as defesas antimíssil), por outro lado são consideravelmente mais vulneráveis tanto à um primeiro ataque quanto, até mesmo, à munição convencional guiada de precisão. O recente teste do míssil hipersônico estadunidense feito em agosto deste ano, só aumentou o debate na Rússia acerca da funcionalidade deste tipo de resposta que para alguns representa um retrocesso à tecnologia da era soviética (KRÁMNIK, 2012). Como resultado tem surgido as mais diversas proposições que vão desde o comissionamento de mísseis em linhas férreas feitas especialmente com essa finalidade, até a utilização de uma nave espacial propelida com reator nuclear capaz de ocultar-se no espaço profundo (fora da órbita terrestre) ⁵⁸ (BRIDGE, 2012; PLUTONIUM..., 2012).

⁵⁷ Do original espanhol: “[...] el *Bulavá* es un diseño completamente nuevo para el Instituto de Tecnología Térmica de Moscú (ITTM) sin experiencia en el diseño de misiles de emplazamiento en submarinos. [...] la última prueba exitosa demostró que los actuales problemas de desarrollo del *Bulavá* se deben ante todo, a defectos en la cadena de producción y un control de calidad deficiente. [...] Las dificultades [son] agravadas por el carácter aleatorio de cada uno de los fallos. No fue un defecto especial del diseño, sino por un proceso de decadencia substancial en la gestión de la producción. Esto quiere decir que la corrección de algunos defectos no garantiza que no aparezcan otros nuevos. Esta decadencia general es más grave por problemas típicos de la época soviética relacionados con el control de la calidad de la producción en serie que todavía existen en las fábricas rusas”

⁵⁸ Trata-se da nave que, declaradamente, tem como objetivo levar uma missão tripulada da Rússia à Marte, contudo, seu potencial de duplo emprego é evidente. O custo da primeira nave está orçado em 17 bilhões de rublos, o que equivale a 537.770.466,91 milhões de dólares. O valor foi obtido pela conversão cambial rublo-dólar americano do Banco Central do Brasil em 09 de novembro de 2012.

A reação ao avanço do projeto ocidental pode ser evidenciada nas recentes declarações do Ministro da Defesa, Anatoli Serdyukov: “Nosso programa de armamento cumpre muitas tarefas; resolverá também o problema do escudo antimíssil estadunidense”, e segue: “[...] asseguro que além de as forças de contenção nuclear ser de um nível muito alto, dispomos de sérios projetos vinculados a elaboração de armas de alta precisão. Por isso nos sentimos seguros⁵⁹” (PLUTONIUM..., 2012, não paginado, tradução nossa). O cumprimento das disposições referidas acima pelo Ministro envolve considerável aumento de investimento de capital e custeio e, questiona-se, até onde este tipo de esforço militar poderá comprometer a recuperação econômica da Rússia (que ano passado voltou a estar entre as 10 maiores economias do mundo).

Assim constata-se que, se a Europa é o principal condicionante da PES da Rússia, a NMD acabou por tornar-se o principal condicionante da política da Rússia para a Europa. Em conjunto estas ações caracterizam o posicionamento Defensivo-Reativo-Utilitário da Rússia, do qual se tratará na conclusão deste trabalho.

3.3 Cooperação econômica: os rumos da tríade energia-comércio-tecnologia.

O histórico do relacionamento econômico entre Rússia e Europa é bastante significativo. Ao longo do tempo, a pauta comercial com países europeus foi predominante a venda de matérias-primas, figurando os hidrocarbonetos enquanto carro chefe⁶⁰. Apesar de durante a Guerra Fria a lógica da política da URSS ter distanciado os pares, pode-se dizer que o comércio manteve uma linearidade. Na década de 1990, impulsionados pela abertura do mercado russo ao capitalismo e pelo caráter “ocidentalista” da política externa russa, o comércio entre as partes alçou voo⁶¹ (FANTINI, 2009, p. 250). Ainda que as exportações de gás e petróleo para a Europa sejam práticas recorrentes desde as décadas de 1960 e 1970, foi a partir dos anos 2000 que ganharam maior relevância. Foi a partir desta década também que

⁵⁹ Do original espanhol: “*Nuestro programa de armamento cumple muchas tareas; resolverá también el problema del escudo antimisiles estadounidense*”. “[...] *aseguro que además de que las fuerzas de contención nuclear son de un nivel muy alto, disponemos de serios proyectos vinculados con la elaboración de armas de alta precisión. Por eso nos sentimos seguros*”.

⁶⁰ O fornecimento de energia russa para a Europa remonta ao período czarista. No entanto, somente a partir do final da década de 1960 é que grandes volumes de petróleo russo passaram a fazer parte da matriz energética europeia. No caso do gás natural, as importações iniciaram após a Primeira Crise do Petróleo (1973) como fonte alternativa ao petróleo cujo valor atingia patamares altos, além de, para o momento já haver sido disseminado a utilização deste entre os europeus via reservas holandesas (ADAMSON, 1985, p. 13-26).

⁶¹ Programas como o Programa de Assistência Técnica para a Comunidade dos Estados Independentes (TACIS – Technical Assistance for the CIS), programas de auxílio à alimentação, acordos de comércio e cooperação, além da assinatura do Acordo de Parceria e Cooperação (PCA – Partnership and Cooperation Agreement) auxiliaram o desenvolvimento do comércio entre as partes nos anos 90 (FANTINI, 2009, p. 250).

elas ganharam conotação política, alertando a Europa e os Estados Unidos em relação às reais intenções de Moscou em seu entorno.

Os anos de “Terapia de Choque”⁶² do governo Yeltsin resultaram à economia russa um processo de depreciação Tendo alcançado o “fundo do poço” na crise de 1998, se fez necessário dar uma nova guinada na economia russa: abandonou-se o modelo de gestão econômica baseado em atividades especulativas (“ciranda financeira”) e retomou-se o setor produtivo (“real”) da economia enquanto prioritário. A nova rota econômica estabelecida no pós-crise procurou “diversificar a economia e fortalecer o setor industrial e de serviços” (SEGRILLO, 2008: 99), dando uma direção mais sustentável à economia russa (SAKWA, 2008; SEGRILLO, 2008).

Segundo Cooper (2008), durante os anos de mandato de Vladimir Putin, a economia russa alcançou significativa recuperação, apresentando importantes indicadores de crescimento. O comércio exterior foi, em larga medida, o responsável por tal crescimento. As exportações cresceram na ordem de 400%, passando de U\$105 bilhões em 2000 para U\$355.5 bilhões em 2007, e da mesma forma as importações, que passaram de U\$44.9 bilhões em 2000 para U\$223.4 bilhões em 2007. Vale ressaltar que a pauta de comércio exterior da Rússia é amplamente dependente de um grupo seletivo de matérias-primas. Mais de 60% das exportações são de hidrocarbonetos, sendo o restante dividido entre produtos florestais (silvicultura), metais e gemas preciosas, bases químicas, metais ferrosos e não-ferrosos, etc. Entre as exportações de produtos manufaturados, chama à atenção a venda de armas e tecnologia bélica (FANTINI, 2009, p. 248).

Moscou, aliando a vasta oferta de recursos energéticos do país aos altos preços e demanda mundial das commodities energéticas no mercado internacional, não hesitou em confiar sua economia neste setor, tornando-se uma importante peça no tabuleiro do mercado internacional de energia. Além disso, transformou seu poderio econômico em arma de barganha política. Muito do ativismo internacional promovido pelo governo Putin em seu

⁶² A “Terapia de Choque” foi o nome dado ao modelo econômico ultraliberal, idealizado durante os anos iniciais do governo de Boris Yeltsin, a fim de “curar” a economia russa de sua vinculação ao modelo de planejamento centralizado (soviético) através de um rápido processo de transição para a economia de mercado. O programa de reformas do governo previa a liberalização da economia, deixando que os preços e salários flutuassem de acordo com a lei da oferta e procura; deliberações de estabilização macroeconômica, especialmente na área fiscal e monetária; o corte de subsídios agrícolas e industriais; uma rigorosa política financeira anti-déficit público; e a privatização de indústrias, finanças e comércio, como forma de desmonopolizar e incentivar a concorrência. Em fim, a política consistia em “soltar as amarras” do antigo sistema para que as “forças do mercado” pudessem agir, estruturando o novo sistema econômico capitalista (BERTONHA, 2010; SEGRILLO, 2000; STARODUBROVSKAIA, 2005).

projeto de (re) inserção da Rússia no sistema internacional, pode ser atribuído a esta recuperação econômica, possibilitada pelas exportações de hidrocarbonetos.

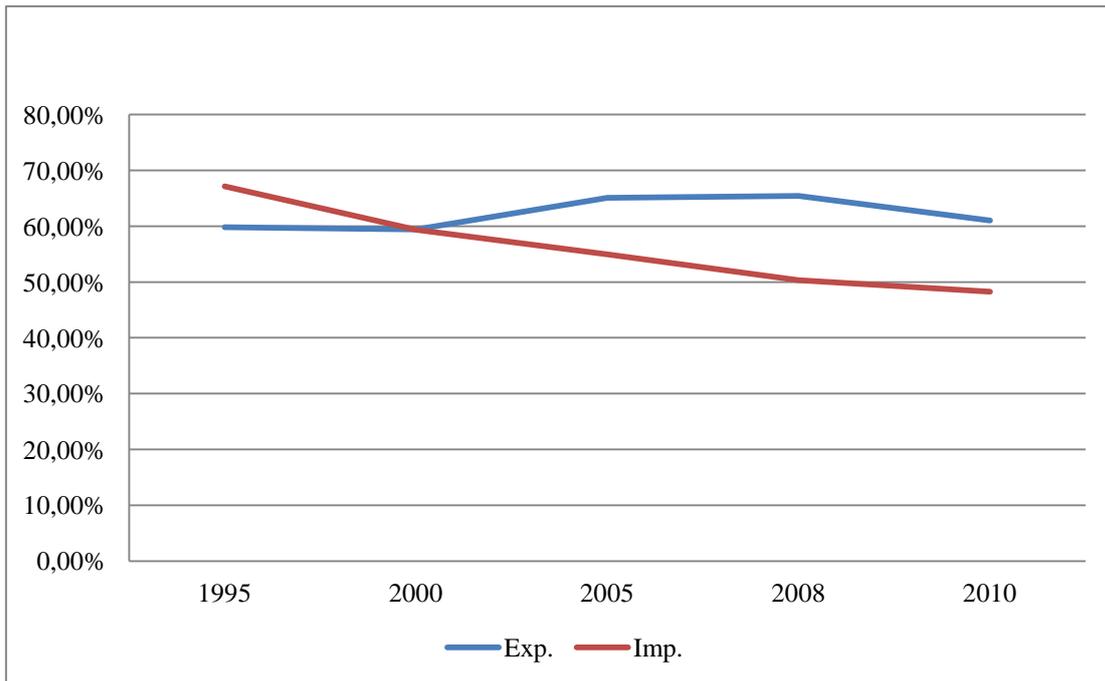
Em relação à Europa, cerca de um quarto do fornecimento de gás natural para os países da região provém da Rússia. O fornecimento de petróleo também figura importante. O que fez da Rússia a terceira maior parceira comercial da Europa, com predominância do comércio de energia⁶³. São constantes os debates no meio acadêmico e na mídia acerca de um possível uso da “arma energética” russa, atentando para uma possível superdependência das fontes de energia russas (NIES, 2011, p. 266).

Nesta dependência energética, as atribuições russas não se restringem apenas no comércio direto para o mercado europeu. Há também o relevante papel que desempenha enquanto corredor de passagem para os recursos provenientes do Mar Cáspio e da Ásia Central. Assim, o medo de uma superdependência alarma ambas as partes. A Europa por estar sujeita às intempéries russas, como os cortes de fornecimento (pela Gazprom à Ucrânia e Belarus – em muito por motivações políticas), as disputas pelo controle da infraestrutura logística dentro da Europa, o declínio da produção russa, e os conflitos locais (Guerra da Geórgia, que ameaçou o principal corredor de fornecimento energético europeu que circunda o território russo).

Por outro lado, observando-se a outra ponta da interdependência, os líderes russos alegam que tamanha dependência de capitais e tecnologia oriundos, sobretudo, da Europa, acabam por limitar o comércio com outros parceiros (demanda crescente vinda do mercado chinês), assim como o desenvolvimento de novas rotas de exportação visto a necessidade constante de manutenção da infraestrutura que atende a região da Europa Leste.

A análise do Gráfico 1, relativo às transações comerciais entre Rússia e países europeus, pode elucidar o problema dos receios de Moscou quanto à dependência com a Europa. É evidente a intenção russa de procurar alternativas à vinculação ao mercado europeu. Como se observa na ilustração, as exportações da Rússia têm mantido tendência crescente, salvo sensível declínio ocorrido após a crise financeira de 2008. Por outro lado, as importações apresentam decréscimo.

⁶³ O Anexo C deste trabalho apresenta os principais oleodutos e gasodutos que abastecem a Europa.

Gráfico 1 - Percentual Europeu nas Exportações e Importações da Rússia

Fonte: Elaboração própria a partir de dados constante em ROSSTAT – Russian Federation Federal State Statistics Service, 2012.

Observados bilateralmente o comércio entre Rússia os sete principais parceiros europeus (Alemanha, França, Itália, Polônia, Reino Unido, Finlândia e Países Baixos), constata-se o aumento ou manutenção dos percentuais de exportações russas para os países. Contudo, há uma redução das importações de produtos pelos russos (ver Tabela 1). Tal orientação é indicativa não somente da necessidade de buscar novos parceiros e de reduzir a dependência comercial com os europeus, mas também acredita-se ser ilustrativa de movimentos de natureza política envolvendo ambas as regiões.

Tabela 1 - Percentual de Participação de Países Europeus nas Transações Comerciais da Rússia

Ano	Alemanha		Países Baixos		Itália		Reino Unido		Polônia		Finlândia		França	
	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.
1995	9,75	19,6	5,01	4,97	5,3	5,59	4,81	3,32	2,65	3,99	3,75	6,16	2,39	3,24
2000	10,3	17,5	4,87	3,32	8,13	5,44	5,23	3,87	4,99	3,21	3,48	4,3	2,13	5,33
2005	9,45	16,7	11,8	2,44	9,12	5,54	3,96	3,48	4,13	3,45	3,66	3,89	2,93	4,61
2008	8,33	14,8	14,3	2,09	10,6	4,77	3,74	3,3	5,07	3,06	3,96	2,88	3,07	4,35
2010	7,45	13,5	16	2,25	8,1	5,08	3,36	2,32	4,43	2,95	3,61	2,32	3,69	5,12

Fonte: Elaboração própria a partir de dados constante em ROSSTAT – Russian Federation Federal State Statistics Service, 2011, 2011a.

A queda nos índices de dependência comercial pode apresentar como uma de suas explicações, a ampliação do projeto do escudo antimísseis estadunidense para o cenário europeu. Não por coincidência, quando se iniciaram as negociações sobre o NMD na Europa o Kremlin buscou reduzir o volume de comércio com a Europa. Outra possível explicação para a redução das transações com os parceiros europeus se situa no incremento da cooperação Sul-Sul. A partir do novo milênio, com a tentativa dos EUA de securitização da agenda internacional pós 11/09, os russos tem reorientado sua política externa no sentido multilateral, valorizando acordos com países em desenvolvimento.

Frente esta interdependência recíproca, são constantes os movimentos europeus por novas rotas de fornecimento que desviem o território e a infraestrutura logística russa (o caso do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyham – BTC⁶⁴, do gasoduto Nabucco⁶⁵ e do White Stream⁶⁶ – (ver Anexo C). São contínuas as tentativas russas de manter-se influente e atuante nos países de trânsito, via apoio político a partidários pró-Rússia, e também pelo desenvolvimento de projetos que a mantenham atuante no campo energético europeu, como o foi com o oleoduto Nord Stream, conectando diretamente a matriz fornecedora ao mercado alemão, o South Stream, entre outros. A dinâmica energética que une as partes acaba servindo aos interesses russos de manutenção da sua influência na Europa Leste, que vem a atuar enquanto proteção

⁶⁴ O oleoduto BTC entrou em funcionamento em 2005. Possui uma extensão de 1,768 km, e capacidade de transportar um milhão de barris de petróleo por dia. O petróleo é oriundo das reservas do Mar Cáspio, é transportado até a costa da Turquia de onde atinge o território europeu via navios petroleiros. O consórcio de exploração é liderado pela BP – British Petroleum, em parcerias com as empresas petrolíferas estadunidenses Chevron, Conoco Phillips e Hess Corporation, da azerbaijana SOCAR, da norueguesa Statoil Hydro, da turca TPAO, da italiana Eni/Agip, da francesa Total e das japonesas Itochu e Inpex (BRITISH PETROLEUM, 2012; SOARES, 2008, p. 2).

⁶⁵ O gasoduto Nabucco foi desenhado para ser uma ponte de ligação energética entre a Ásia e a Europa, deixando claro seu objetivo de reduzir a dependência energética europeia para com a Rússia. O projeto, cuja construção estima-se iniciar em 2012 e terminar em 2017, terá um extensão de 3,300 km e um custo aproximado de 7,9 bilhões de euros. O Nabucco terá capacidade de transportar 31 milhões de metros cúbicos de gás natural anualmente, extraídos das reservas do Mar Cáspio e do Oriente Médio. O gasoduto irá transcorrer os territórios de Turquia, Bulgária, Romênia, Hungria e Áustria – ponto final na cidade de Baumgarten. A construção está a cargo de seis companhias: BOTAS (Turquia), Transgaz (Romênia), Bulgarian Energy Holding (Bulgária), MOL (Hungria), OMV (Áustria) e RWE (Alemanha) (NABUCCO, 2012; SOARES, 2008, p. 4). O grande debate acerca do projeto Nabucco vai além de sua viabilidade econômica, está na vulnerabilidade política e comercial do gasoduto. Em primeiro lugar o fato de a Rússia não ser parte do consórcio, mas ser altamente influente na região, pode prejudicar o projeto, como já visto durante o conflito entre Rússia e Geórgia (2008). Mais ainda, é importante notar que a capacidade produtiva de gás do Azerbaijão não é suficiente para manter o funcionamento do gasoduto por si só. A solução seria importar gás de países como Cazaquistão, Turcomenistão e Irã, no entanto, é necessário atar os governos cazaque e turcomano à responsabilidade do projeto (evitando que se direcionem à China) e resolver os emburlos políticos com o Irã.

⁶⁶ O projeto White Stream é uma iniciativa de empresas estadunidenses e europeias, respectivamente a GUEU Inc. e a White Stream Pipeline Company Limited. Consiste em um oleoduto construído a uma profundidade de 2000m atravessando o Mar Negro, transportando gás natural das reservas da região do Cáspio via Geórgia diretamente para Romênia, Ucrânia e outros mercados na Europa do Leste e Central (WHITE STREAM CONSORTIUM, 2012).

ao seu território e como meio de barganha para angariar melhor posicionamento no sistema internacional.

Por fim, é válido ressaltar que há possibilidades plausíveis de cooperação no campo tecnológico. O projeto Skolkovo é o mais representativo desta diretriz russa e oportunidade para investimento de empresas europeias e estadunidenses. Iniciativa do governo de Dmitri Medvedev, o Centro de Inovações Tecnológicas de Skolkovo⁶⁷ é parte da “Concepção do Desenvolvimento de Longo Prazo da Federação da Rússia até 2020”, cujo objetivo principal é a construção de uma sociedade moderna pós-industrial. Para tanto, se valerá da modernização de setores tradicionais da economia russa, do imperativo da inovação e da formação profissional enquanto motores propulsores de uma nova economia baseada em conhecimento e alta tecnologia (POMERANZ, 2010, p. 59-67).

Desta forma, pelo lado da Rússia é imperativo a busca por modernização do parque industrial e desenvolvimento tecnológico, como forma de fuga da dependência excessiva dos recursos oriundos das exportações de hidrocarbonetos (LAQUEUR, 2010). A parte europeia tem interesse em investir no promissor projeto tecnológico, que se assemelha ao chamado “Vale do Silício” nos Estados Unidos. Portanto, há uma pressão por parte de setores civis europeus e estadunidenses em prol do entendimento com o governo russo em questões sensíveis como o escudo antimísseis e as rotas de fornecimento de hidrocarbonetos.

As empresas europeias que participam do projeto de Skolkovo tem potencial para constituir significativos grupos de pressão. Para se estimar o seu alcance junto aos governos europeus importa uma breve radiografia do projeto Skolkovo, seus principais parceiros europeus (EADS, Siemens, ALSTOM) e o perfil de seus investimentos na Rússia.

Importa lembrar que Skolkovo é uma escola e centro de pesquisa. Conquanto tenha atraído 22 das maiores empresa de alta tecnologia, o que é altamente representativo em um ramo altamente concentrado, não possui capacidade de, por si só, produzir efeitos sobre a produção. Além disto, a maioria das empresas, mesmo as de Tecnologia da Informação (TI), geralmente estão interessadas em projetos na área de energia. Assim o governo russo se vê

⁶⁷ O Centro de Inovações Tecnológicas de Skolkovo tem como instituição âncora a Escola Moscovita de Administração Skolkovo. A *cidade da inovação* terá capacidade de atender de 25 a 30 mil pesquisadores russos e estrangeiros, nela serão instalados institutos de desenvolvimento e pesquisa, instituições educacionais, além de ministérios do governo russo que se reportem às atividades de Skolkovo. Além de possuir uma administração própria (a cargo de uma fundação constituída por representantes da Academia Russa de Ciências, da Rosnano – empresa russa de nanotecnologia, do Bneshekonon Bank – banco de desenvolvimento da Rússia, da Russian Venture Cy, entre outros) a cidade disporá também de regime legal e fiscal diferenciados, com várias isenções tributárias para as empresas que nela virem se instalar (POMERANZ, 2010, p. 63; SKOLKOVO..., 2012; WHAT IS..., 2012).

diante de uma dupla dificuldade, operacionalizar a P&D em plantas industriais e convencer os investidores a investir em projetos conjuntos de defesa.

Trata-se de disputar o alinhamento europeu e sua atitude diante do escudo antimíssil fazendo uso dos meios de pagamento. Afinal, além de seus recursos naturais a Rússia é o segundo maior exportador mundial de material bélico, seus produtos possuem prestígio e qualidade reconhecida, enquanto os europeus ressentem-se da concorrência estadunidense e suas exportações não se encontram no melhor momento.

Ao que parece Putin pretende equacionar os dois problemas através da construção de uma versão russa da DARPA⁶⁸, empresa que foi criada juntamente com a NASA, encarregada da pesquisa militar, enquanto cabia à última a pesquisa civil (BECKHUSEN, 2012).

O perfil dos três principais investidores europeus ajuda a compreender o propósito da DARPA russa, trata-se de operar desenvolvimentos comuns com empresas europeias que já integram a base industrial de defesa europeia qualificando o aporte tecnológico da Rússia e incrementando as possibilidades de cooperação com a Europa.

A Companhia Europeia de Defesa Aeronáutica e Espacial (EADS – *European Aeronautic Defense and Space Company*)⁶⁹ possui uma receita de investimentos na Rússia na casa dos 2,8 bilhões de euros (US\$ 3bilhões)⁷⁰ (CORPORATE..., 2012). A companhia possui em Skolkovo investimentos nos setores de energia, tecnologia da informação e espacial. A empresa é responsável pela produção de aeronaves comerciais (divisão de produção Airbus), aeronaves militares de transporte (A400M), construção de satélites (divisão de produção EADS Astrium), helicópteros de uso civil e militar (Eurocopter). Cabe destacar que a empresa possui participação acionária em produtos como o caça *Rafale*, do *EurofighterTyphoon*, e do sistema de satélites *Galileo*. Em suma, o núcleo duro do complexo militar e industrial europeu (EADS, 2012).

As empresas alemãs Siemens e SAP AG também possuem importante participação no projeto. A Siemens com investimentos em torno de 1,2 bilhões de euros (US\$ 1,5 bilhões)⁷¹, nas áreas de tecnologia da informação, nuclear e biomedicina; a empresa SAP AG com receita

⁶⁸ De acordo com a website oficial da DARPA (The Defense Advanced Research Projects Agency), esta foi criada em 1958 para prevenir supresas estratégicas de impacto negativo na segurança nacional dos Estados Unidos, e criar supresas estratégicas aos adversários estadunidenses mantendo a superioridade tecnológica do pessoal militar dos Estados Unidos (DARPA, 2012).

⁶⁹ Fusão das empresas DASA (Daimler Chrysler Aerospace AG) da Alemanha, Aérospatiale-Matra da França e CASA (Construcciones Aeronáuticas S.A) da Espanha.

⁷⁰ Equivale a 3.559.640.000,00bilhões de dólares. O valor foi obtido pela conversão cambial euro-dólar americano do Banco Central do Brasil em 09 de novembro de 2012.

⁷¹ Equivale a 1.525.560.000,00 bilhões de dólares. O valor foi obtido pela conversão cambial euro-dólar americano do Banco Central do Brasil em 09 de novembro de 2012.

de 400 milhões de euros (US\$500 milhões)⁷² nas áreas de tecnologia da informação (produção e softwares) e educação para negócios. Também chama a atenção a participação da companhia francesa ALSTOM, com receita não divulgada, nas áreas de energia, tecnologia da informação, e nuclear, além de existirem projetos conjuntos no desenvolvimento de infraestrutura ferroviária.

Em suma, o êxito de Skolkovo como centro aglutinador de investimentos e formador de elites euro asiáticas, possui evidente significado diplomático na política russa para Europa. Contudo, este aspecto não esgota sua interface civil. Do mesmo modo que os russos através de Skolkovo buscam a cooperação com Alemanha, França e Itália, na Europa, também esperam resultados na Ásia, com a China, Japão e Coreia do Sul (aliás, há previsão de abertura de escritório em Pequim).

Contudo, a Rússia parece fazer tudo o que está ao seu alcance para melhorar suas relações com a Europa. Para demover a frieza dos europeus quanto a cooperação militar Medvedev fechou um contrato para compra de dois, mas que podem chegar até a quatro navios aeródromos da França. O montante em negociação pelos dois primeiros já passa a cifra de 1,2 bilhão de dólares. Contudo, o resultado não têm sido alentador, a Europa mais uma vez mostrou-se indiferente a parceria da Rússia com a OTAN, o que pode ter contribuído para selar a sorte de um possível segundo mandato para Medvedev. (RUSSIAN NAVY..., 2012).

A DARPA russa de Putin parece ser a última tentativa de envolver ao menos os parceiros europeus de Skolkovo com a cooperação militar. Contudo, criar um clima de confiança devido á instalação da DAM não é a única motivação do líder russo. Putin percebe que a Rússia carece de um modelo de negócios e serviços no setor de defesa (vide os já mencionados casos do míssil Bulava, da Classe Borei e dos acidentes com os satélites GLONASS). Ainda que bem sucedido, o setor carece de atributos típicos do ramo (marketing, financiamento, etc.), carrega a marca da especialização característica dos Escritórios de Projeto (OKB pelas iniciais em russo) que compartimentalizava responsabilidades de produção. Como resultado a Rússia e os EUA criaram um modelo concentrado, o que é normal dados os altos custo do setor, mas que em compensação, ao se monopolizar tornou-se pouco competitivo. A China em contrapartida associou as empresas incubadoras à produtoras ligadas a governos subnacionais (grandes municipalidades ou províncias) mantendo o mercado oligopolizado e, devido a ação do governo que inibe a prática do *trust*, em “concorrência perfeita”.(AMSDEN,2004, p. 482-483; MARTI, 2007, p. 180-185)

⁷² Equivale a 508.520.000,00 milhões de dólares. O valor foi obtido pela conversão cambial euro-dólar americano do Banco Central do Brasil em 09 de novembro de 2012.

A competitividade entre as empresas chinesas se faz sentir na remuneração. É improvável que se dê com a China o que ocorreu na Rússia. Nesta, a ausência de competição tem gerado atrasos e dificuldades. É o caso do não cumprimento de entregas de pedido militares nacionais e no exterior, e o emblemático caso da Elbrus. A empresa russa de processadores, única no país, ao perder seus engenheiros em 2004 para Intel, deixou o país sem seus principais projetistas de processadores comprometendo a segurança nacional russa e o controle do centro de decisão econômica da digitalização. O resultado líquido é um atraso considerável em relação à China em processadores, tecnologia vital para a construção de supercomputadores, utilizados para gerenciamento da guerra nuclear, a prototipação virtual, a capacidade de comando e controle, etc.

Por outro lado, a Europa possui limitações consideráveis além das de natureza política. A transição tecnológica importa⁷³. Como se viu anteriormente, a própria erosão da URSS deveu-se em grande medida à impossibilidade em acompanhá-la. Pode-se ter uma medida legítima das capacidades produtivas na era da informação pela capacidade em produzir supercomputadores e super processadores. Conforme podemos observar na tabela do Apêndice A, onde se selecionou 30 dos 500 supercomputadores mais velozes do planeta, a Europa responde pela demanda de quase metade, 12 deles foram adquiridos pela Europa. Contudo, apenas três destes 12 são montados na Europa, todos pelo *Group Bull* da França. Entretanto, entre os 30 computadores mais rápidos do mundo, nenhum dele possui super processador europeu. O *Group Bull* utiliza o produto estadunidense da Intel. Trata-se de um exemplo singelo, porém significativo, das limitações europeias na transição tecnológica. Do mesmo modo que atingiram no passado a URSS, hoje recaem sobre a Europa: que sozinha responde por metade dos supercomputadores adquiridos (sempre considerando a amostra dos 30 mais velozes), caso clássico de dependência tecnológica do centro transnacional de decisão⁷⁴. Deste modo, considerando que a principal demanda da Rússia é a tecnologia, dado o resultado da Guerra Fria, o papel então cumprido pela SDI e hoje pela NMD, a própria parceria com a Europa apresenta certas restrições.

⁷³ Transição tecnológica – passagem da Segunda para Terceira fase da Revolução Industrial, da eletricidade para informática, do Fordismo para Toytismo; da produção em massa para produção flexível; da indústria concentrada verticalmente para o sistema de subcontratação; da produção nacional para a produção por regiões do globo; etc.

⁷⁴ Para efeitos de comparação os Estados Unidos respondem por apenas 1/3 (adquiriram 10 dos 30), contudo produzem mais que o dobro de sua demanda, 22 deles são montados por empresas americanas. Mas o mais eloquente, é que 27 dos 30 super processadores são de propriedade intelectual de empresas americanas (Intel, AMD, IBM). O Leste Asiático, por sua vez, responde por 26% da demanda (oito dos 30), monta seis, e produz três super processadores. Em resumo, à exceção do EUA apenas o Leste Asiático apresenta sintomas de deter o centro de decisão econômica crucial para a Terceira Revolução Industrial: produzir super processadores e supercomputadores entre os 30 mais rápidos do mundo.

Existem também outras limitações. A agricultura é parte importante das exportações russas, e o país encontra as mesmas dificuldades de outros com os subsídios do protecionismo europeu. Já a Ásia tem sido um consumidor de produtos agrícolas russos. Do mesmo modo, os bens de capital; tomemos as turbinas como exemplo, a Europa possui notável qualidade de produção, mas pouco interesse em compartilhar seu conhecimento com a Rússia muito menos em importar turbinas russas. Assim, a participação russa nos projetos europeus (como o Airbus) tem sido limitada a de fornecedor de matérias primas (titânio, por exemplo) de pouco valor agregado e sem qualquer efeito multiplicador ou expectativa de transbordamento. A China, Coreia do Sul e Japão, por outro lado tem interesse nos bens de capital russos. Todos estes três países desenvolvem projetos de aeronaves de quinta geração, a China já utiliza turbinas russas nos seus dois protótipos (J-20 e J-31).

Aliás, Putin tem sublinhado que as conquistas da microeletrônica na Ásia devem levar a Rússia a repensar das relações com estes países não apenas como clientes de tecnologia e hidrocarbonetos russos, mas também como parceiro em desenvolvimentos e pesquisas comuns.

Assim, embora atualmente o maior volume de negócios e investimentos da Rússia seja com a Europa, a transição tecnológica e as demandas russas de inserção soberana, podem alterar este panorama em benefício da Ásia. Naturalmente não se pode cifrar uma expectativa em um único fator (transição tecnológica), contudo a cooperação da Rússia em matéria industrial e agrícola também apresenta perspectivas auspiciosas.

Como referido acima, caso se fosse julgar apenas pela transição tecnológica, o raciocínio seria semelhante ao feito por Paul Kennedy (1989, p. 282-342), em que as capacidades produtivas condicionam a polaridade, teríamos de constatar que o mundo iria para um sistema com traços pronunciados de bipolaridade, só que desta feita não capitaneado por superpotências, mas coalisões de Estados (OCX e OTAN). A diferença mais sensível seria que nesta nova bipolaridade as grandes potências manteriam considerável latitude em seus alinhamentos, o que na prática conservaria a multipolaridade como forma dominante de equilíbrio internacional. Mas é prematuro concluir qualquer coisa a este respeito. Importa, contudo ressaltar que o principal móvel das relações entre Rússia e Europa se resume a uma agenda negativa, no caso, relacionada à defesa antimíssil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou fazer uma abordagem exploratória do papel cumprido pela Europa na Política Externa e de Segurança (PES) da Rússia com ênfase sobre o papel cumprido pela defesa antimíssil (DAM). Trata-se, portanto, de abordagem cujo intervalo temporal se situa no pós Guerra Fria. Contudo, importa que se diga que as decisões em política externa na Rússia, mesmo quando parecem contraditórias, apresentam notável regularidade quanto ao papel reservado à segurança. Isto pode ser observado na Rússia czarista, que em 1807 celebrou o Tratado de Tilsit⁷⁵ com Napoleão, e que em 1812 foi a Guerra contra a França por recusar-se a aderir ao bloqueio continental. O mesmo vale para URSS que celebrou o pacto Ribbentrop-Molotov para evitar a guerra ou, ao menos, adiá-la, e que a seguir alinhou-se às potências ocidentais contra a Alemanha. A prioridade dada à Europa também sugere um comportamento regular. A então URSS acomodou-se com o Japão em 1939, quando este era a principal potência terrestre na Ásia (devido a sua presença na China), e com a própria China em 2008 quando firmou o tratado definitivo sobre o posicionamento de fronteiras.

A primeira regularidade sugere que a Rússia submete a política externa e as alianças à segurança. A segunda regularidade, que seu principal objetivo em política externa é manter-se enquanto grande potência. A terceira constatação é que da prioridade à definição na Europa, e a estabilização na Ásia. Da soma destes fatores decorre o papel da Europa como condicionante da PES russa. A distribuição atual, seja da população ou das capacidades militares da Rússia, só vem a enfatizar o que se insinua como tendência histórica.

O ponto de partida desta pesquisa foi constatar que a Europa no pós Guerra Fria constituiu-se enquanto condicionante da PES da Rússia. Os exemplos mais recentes das guerras do Kosovo, da Geórgia e da ingerência na região da Ucrânia e Mar Negro, demonstram a reiterada preocupação de Moscou em relação aos constrangimentos oriundos do cenário europeu. Importa lembrar que, a exceção do Kosovo que efetivamente tornou-se independente, o presente desdobramento da situação na Geórgia e na Ucrânia beneficia Moscou devido ao resultado das eleições nestes países.

Atualmente, a dicotomia existente entre a ameaça representada pelo sistema antimíssil na Europa e a interdependência na tríade energia-comércio-tecnologia, reforçam a importância europeia para a política externa e de segurança russa.

⁷⁵ Em que a Rússia e a França fizeram acordo de defesa mútua, e dividiram a Europa em áreas de influência. Para alguns evoca à pré-figuração do Tratado de Yalta do século XX.

Daí advém a principal conclusão deste trabalho: de que a PES da Rússia pode ser definida como Defensiva Reativa Utilitária (DRU). A constatação toma como referência a história da Rússia e procura sintetizar o comportamento do país no pós Guerra Fria na arena internacional. A seguir, brevemente, se caracteriza cada um dos componentes da proposição a cerca da DRU.

Em primeiro lugar, o componente “defensivo-reativo” da PES da Rússia, é claro no que tange a defesa antimíssil. Claramente as ações russas se configuraram como reativas as iniciativas de alguns países europeus influenciados pelos Estados Unidos. De maneira complementar, o termo defensivo-reativo deve ser compreendido em um duplo sentido. Revela uma orientação geral da política externa do país em se contrapor à securitização da agenda internacional estadunidense e valorizar espaços multilaterais de negociação. Ou seja, não persegue uma ação ofensiva direta, mas sim opta pelos fóruns internacionais como forma de constranger iniciativas unilaterais. Simultaneamente, é defensivo e reativo porque as ações russas na Europa são sempre marcadas pela reação defensiva militar simbólica ou sinalizadora de contenção. Joga, assim, com a força militar herdada da URSS combinada com avanços contemporâneos da indústria de defesa para conter iniciativas como a NMD.

Em segundo lugar, seu caráter defensivo se evidencia em seu viés normativo, no sentido de ser jurista. São claras as menções à defesa do direito internacional e à efetividade das Organizações Internacionais nos principais documentos de política externa e segurança. O que explica o posicionamento frequente de autoridades russas em exigir garantias legais de o NMD na Europa não estar dirigido contra a Rússia:

É-nos constantemente dito que o sistema de defesa antimíssil não é direcionado contra a Rússia. Nós gostaríamos de receber garantias militares e tecnológicas fixadas em documentos juridicamente vinculados, [...]. Somente assim nos sentiremos seguros e capazes de manter um diálogo normal de parceiros, [...]. Declarações como ‘não fique com medo, nós prometemos que nada vai acontecer’ são insuficientemente claras no mundo moderno. Isto é infantilidade. Nós precisamos de garantias e acordos sérios na esfera da segurança⁷⁶” (RUSSIA WANTS..., 2012, não paginado, tradução nossa).

Em terceiro lugar, o utilitarismo faz referência ao caráter pragmático e “não-ideológico” da PES da Rússia. O pragmatismo se manifesta no imperativo de cooperação com a Europa. Seu aspecto “não-ideológico”, diz respeito ao caráter atual das diretrizes russas de ação externa, em distinção, e para atenuar, qualquer resquício da orientação comunista do

⁷⁶ Do original inglês: “*We are constantly being told that the missile defense system is not directed against Russia. We would like to receive military and technological guarantees fixed in legally binding documents, [...]. Only then will be able to feel safe and hold normal partner-like dialogue, [...]. Statements like ‘don’t be afraid, we promise that nothing will happen’ are clearly insufficient in the modern world. This is childish. We need guarantees and serious agreements in the security sphere*”

país. Especificamente, a utilização do termo “utilitarismo” vem ao encontro aos argumentos da “interdependência” russo-europeia em torno da exportação/importação de energia, substantivo volume de transações comerciais, e transferência de tecnologia e capital (Skolkovo). Moscou, ao menos em curto e médio prazo, não deseja a suspensão da cooperação com a Europa visto as amplas benesses advindas deste relacionamento econômico. Importa notar que o utilitarismo contém o gérmen da recorrência, isto é, o critério de utilidade prática que serve como crivo do interesse nacional. Assim, como referido anteriormente, a modificação das circunstâncias no que tange a investimentos (comércio exterior ou tecnologia) podem alterar a qualidade das relações da Rússia com a Europa.

Em qualquer hipótese, para além dos marcos do molde Defensivo-Reativo-Utilitário, há o imperativo supremo de conservar-se enquanto grande potência. Isto pode ser observado pela conotação política que assumem as demandas econômicas. Moscou passa a se utilizar da energia como ferramenta securitária. Aos moldes de uma “diplomacia energética”, o Kremlin intensifica o uso de seus hidrocarbonetos como instrumento de barganha no sistema internacional, no intuito maior de manter seu status de grande potência.

Além disso, coteja uma maior participação em fóruns multilaterais. Assim, enaltece sua atuação em grupos como o G-8, a Organização Mundial do Comércio (OMC), BRICS, Conselho Rússia-OTAN, Organização Cooperação de Xangai (OCX), etc. Forma encontrada para manter-se influente nas rodadas de decisões internacionais, e vislumbrar o estabelecimento de uma nova ordem mundial que dê conta deste ambiente multifacetado e multivetorial o qual se transformou o sistema internacional contemporâneo.

Em linhas gerais, o marco Defensivo-Reativo-Utilitário remete a uma concepção atual e particular sobre a forma de atuação da Rússia no cenário internacional, tendo como elemento determinante sua relação com a Europa. Essa interpretação é valorativa da cooperação, mas reconhece o potencial de conflito nas relações com os europeus. A perspectiva da confrontação permeou claramente o esforço analítico deste trabalho, sobretudo em função dos desdobramentos recentes em torno da instalação de um amplo sistema de defesa antimísseis contra a Rússia.

Para a hipótese de conflito, conquanto seja remota, importam duas condições: (a) a experiência negativa da rendição soviética diante da SDI, ao invés do esperado Plano Marshall veio o separatismo, a guerra civil, a desordem e o caos; (b) a manutenção de um esforço militar em duas frentes, havia na Mongólia quase o mesmo número de divisões estacionadas que o existente da Alemanha Oriental. A Rússia, em compensação, apesar de consideravelmente menor que a URSS e, portanto, contar com menos recursos, conta com

mercado para sustentar o esforço militar, obter capitais e tecnologia. Além disso, só tem que preocupar-se com uma única frente: a Europa. A China não ameaça, mas eventualmente protege a frente Leste (OCX). Portanto, em termos líquidos, por mais anti-intuitivo que pareça, a Rússia está mais preparada que a URSS para fazer frente ao desafio da transição tecnológica.

Assim, apesar de modesta, a principal conclusão deste trabalho, o marco Defensivo-Reativo-Utilitário da política externa russa no pós Guerra Fria, tem a virtude de manter em aberto as possibilidades de desdobramento das relações entre a Rússia e a Europa. Ou seja, coexistem lado-a-lado tanto o caminho sugerido por Skolkovo que qualifica e intensifica as relações da Rússia com a Europa, quanto, em função da NMD em território europeu, se mantém no horizonte predisível de eventos a perspectiva sombria da confrontação.

Importa notar que as possibilidades de cooperação e confronto permanecem em aberto nem tanto por uma suposta ação insidiosa dos Estados Unidos, mas pela divisão reinante entre os Europeus. Enquanto Alemanha e Itália de modo mais visível apostam na complementariedade e no intercâmbio com a Rússia (vide menções anteriores ao Nord Stream e ao projetado South Stream), à Inglaterra e França (Entente Frugale) parece interessar uma Rússia enfraquecida pelo escudo antimíssil e temerosa em prestar auxílio a seus aliados no Oriente Médio e na África (Síria, Líbia, Irã). Neste ponto a NMD em território europeu deixa de ser uma mera iniciativa estadunidense e passa a ser um marco de divisão da própria Europa. Em grande medida o futuro das relações da Rússia com a Europa, dado o caráter passivo da PES da primeira (DRU), dependem quase que exclusivamente do desdobramento destas diferenças entre os próprios europeus.

Por fim, vale ressaltar que esta avaliação é o reflexo da fotografia do sistema internacional hoje, frente a acontecimentos recentes como a expectativa em torno da troca de governo nos EUA e as últimas declarações em torno da NMD na Europa (fortemente influenciadas por este contexto). Naturalmente, como toda análise em relações internacionais, a perspectiva deste texto também é datada e dependente das condições e do contexto no qual o estudo foi produzido. Contudo, quaisquer que sejam suas insuficiências, julga-se que o trabalho atingiu seus principais objetivos: evidenciar o papel da Europa como condicionante da Política Externa e de Segurança russa, e demonstrar o papel crucial cumprido pelo escudo antimíssil em suas relações com a Rússia.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Gabriel P. **As relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- ADAMSON, David M. Soviet Gás and European Security. **Energy Policy**, Arlington, v. 13, n.1, p. 13-26, fev. 1985.
- AMERICAN ASSOCIATION OF PORT AUTHORITIES. **World Port Rankings 2010**. Alexandria, 2010. Disponível em: < <http://aapa.files.cms-plus.com/Statistics/WORLD%20PORT%20RANKINGS%202010.pdf> >. Acesso em 13 nov. 2012.
- AMSDEN, Alice H. **A Ascensão do Resto: os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- ARBATOV, Alexei. The Transformation of Russia's Military Doctrine in the Aftermath of Kosovo and Chechnya. In: GORODETSKY, Gabriel. **Russia Between East and West: Russian Foreign Policy on the Threshold of the Twenty-First Century**. London: Frank Cass Publishers, 2003.
- ARBATOVA, Nadia Alexandrova. Troubled Strategic Partnership: The Black Sea Dimension of Russia's Relations with the West. In: HAMILTON, Daniel; MANGOTT, Gerhard (Ed.). **The Wider Black Sea Region in the 21st Century: Strategic, Economic and Energy Perspectives**. Washington, D.C.: Center for Transatlantic Relations, 2008. p. 293-319.
- ÁVILA, Fabrício Schiavo. **Armas estratégicas: o impacto da digitalização sobre a guerra e a distribuição de poder no sistema internacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Conversão de Moedas**. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.asp>>. Acesso em: 09 nov. 2012.
- BASE NAVAL de Kamchatka lista para albergar nuevos submarinos con misiles Bulavá. **Ria Novosti**, Moscú, 19 out. 2012. Disponível em: <<http://sp.rian.ru/Defensa/20101019/147769029.html>>. Acesso em: 31 out. 2012.
- BECKHUSEN, Robert. **Putin wants a Darpa of his own**. San Francisco, 25 Jun. 2012. Disponível em: <<http://www.wired.com/dangerroom/2012/06/darpaski/>>. Acesso em: 05 nov.2012.
- BERTONHA, João Fábio. **Rússia: ascensão e queda de um império: uma história geopolítica e militar da Rússia, dos czares ao século XXI**. Curitiba: Juruá, 2010.

BILOUSOV, Leonid. Ukrainian-Russian Relations and the Debate on NATO Enlargement. In: SPILLMAN, Kurt R.; WENGER, Andreas (Ed). **Russia's Place in Europe: a security debate**. Zurich: Center for Security Studies, 1999. p. 101-109.

BRIDGE, Robert. **Rail wars? Russia ponders new railroad-based missile systems**. Moscow, 22 Oct. 2012. Disponível em: < <http://rt.com/politics/russia-missiles-defense-transport-military-941/>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

BRITISH PETROLEUM. **Baku – Tbilisi – Ceyhan Pipeline**. London, 2012. Disponível em: <<http://www.bp.com/sectiongenericarticle.do?categoryId=9006669&contentId=7015093>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

BRUM, Michel. **Incident at Sakhalin: the true mission of KAL flight 007**. New York: Library of Congress, 1995.

CANCELLERÍA de Rusia expresa preocupación por crucero estadounidense. **Ria Novosti**, Moscow, 12 jun. 2011. Disponível em: <<http://sp.rian.ru/Defensa/20110612/149351107.html>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

CEPIK, Marco; MARTINS, José Miguel. **Política Internacional**. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2004.

CHINA INTERNATIONAL SCIENCE AND TECHNOLOGY COOPERATION (CISTC). **NERC for Parallel Computer**. Beijing, 2012. Disponível em: < http://www.cistc.gov.cn/englishversion/China_ST/China_STAdd4.asp?column=153&id=2385 >. Acesso em: 12 nov. 2012.

COHEN, Stephen F. Gorbachev's Lost Legacy. **The Nation**, New York, 24 Feb. 2005. Disponível em: <<http://www.thenation.com/article/gorbachevs-lost-legacy#>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

COLIN, Roberto. **Rússia: o ressurgimento da grande potência**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2007.

COLINA, Tom Z. **The European Phased Adaptive Approach at a Glance**. Washington, Nov. 2012. Disponível em: <<http://www.armscontrol.org/factsheets/Phasedadaptiveapproach>>. Acesso em: 25 maio 2012.

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. **Communication from the Commission to the European Council and the European Parliament – An Energy Policy for Europe**. Brussels, Jan. 2007. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/en/com/2007/com2007_0001en01.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2012.

COOPER, William H. **Russia's Economic Performance and Policies and Their Implications for the United States**. Congressional Research Service, CRS Report for Congress, Washington, 2008. Disponível em: <<http://fpc.state.gov/documents/organization/106151.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2010.

CORPORATE Research Park Map of Competences. **Skolkovo**, Moscow, 2012. Disponível em: <<http://www.sk.ru/GetInvolved/Partner.aspx>>. Acesso em 29 jun. 2012.

DEFENSE ADVANCED RESEARCH PROJECTS AGENCY (DARPA). **Our Work**, Arlington, 2012. Disponível em: <http://www.darpa.mil/our_work/>. Acesso em: 12 nov. 2012.

DEPARTMENT OF DEFENSE USA. **Defense Budget Priorities and Choices**. Washington, Jan. 2012. Disponível em: <http://www.defense.gov/news/Defense_Budget_Priorities.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2012.

DUFFIELD, J.; MICHOTA, C.; MILLER, S. Alliances. In: WILLIAMS, Paul (Ed). **Security Studies: an introduction**. Oxon: Routledge, 2008. p. 291-303.

EMERSON, Michael. The Eu's New Black Sea Policy. In: HAMILTON, Daniel; MANGOTT, Gerhard (Ed.). **The Wider Black Sea Region in the 21st Century: Strategic, Economic and Energy Perspectives**. Washington, D.C.: Center for Transatlantic Relations, 2008. p. 253-276.

EUROPEAN AERONAUTIC DEFENSE AND SPACE COMPANY (EADS). **EADS at a glance**. Paris, 2012. Disponível em: <<http://www.eads.com/eads/int/en.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

EUROPEAN COMMISSION. **EU-Russia Energy Relations**. Brussels, 2012. Disponível em: <http://ec.europa.eu/energy/international/russia/russia_en.htm>. Acesso em: 27 jun. 2012.

FANTINI, Marco. The Economic Relationship Between Russia and The EU: History and Prospects. In: GOWER; Jackie; TIMMINS, Graham (Ed.). **Russia and Europe in the twenty-first century: an uneasy partnership**. New York, NY: Anthem Press, 2009. p. 247-266.

FLACH, Elmir. **A unificação alemã no contexto das relações germano-soviéticas (1985-1990)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

FREIRE, Maria Raquel. A política externa em transição: o caso da Federação Russa. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 23, p. 75–89, set. 2009.

GASPAR, Carlos. A Rússia e a segurança europeia. **Nação e Defesa**, Primavera, n. 110, 3. série, p. 45-57, 2005.

GORDADZE, Thornike. Georgian-Russian Relations in the 1990's. In: CORNELL, Svante; STARR, Frederick (Ed). **The Guns of August 2008: Russia's War in Georgia**. New York: M.E.Sharpe, 2009. p. 28-48.

GRUSHKO, Alexander. The Missile Shield Upsets the Balance Between the US and Russia. In: KORINMAN, Michel; LAUGHLAND, John. **Russia: a New Cold War?** London: Vallentine Mitchell Academic, 2008. p.31-32.

HAAS, Marcel de. **Russia's Foreign Security Policy in the 21st Century: Putin, Medvedev and beyond.** Oxon, OX: Routledge, 2010.

HEURLIN, Bertel. Missile Defence in the United States. In: HEURLIN, Bertel; RYNNING, Sten (Ed.). **Missile Defence: International, Regional and National Implications.** New York, NY: Routledge, 2005. p. 56-83.

HILDRETH, Steven A.; EK, Carl. Long-Range Ballistic Missile Defense in Europe. In: WERTHERS, Patrick B. (Ed.). **Europe: Financial Crisis and Security Issues.** New York, NY: Nova Science Publishers, 2011. p. 255-283.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

IAKOVLEV, Nikolai. **Os homens da Casa Branca: de Truman a Reagan.** Lisboa: Avante, 1988.

KARASIK, Theodore W.; LARRABEE, Stephen F. **Foreign and Security Policy Decision making Under Yelstin.** Washington: National Defense Research Institute – RAND, 1997. Disponível em <http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/2007/MR831.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010.

KASSIANOVA, Alla. Roads not (yet) taken – Russian approaches to cooperation in missile defence. In: HEURLIN, Bertel; RYNNING, Sten (Ed.). **Missile Defence: International, Regional and National Implications.** New York, NY: Routledge, 2005. p. 84-110.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000.** Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KING, Charles. The Wider Black Sea Region in the Twenty-First Century. In: HAMILTON, Daniel; MANGOTT, Gerhard (Ed.). **The Wider Black Sea Region in the 21st Century: Strategic, Economic and Energy Perspectives.** Washington, D.C.: Center for Transatlantic Relations, 2008. p. 1-22.

KRÁMNIK, Iliia. **El lanzamiento exitoso del misil Bulavá tiene sabor amargo.** Moscow, 14 Oct. 2010. Disponível em: <http://sp.rian.ru/opinion_analysis/20101014/147747541.html>. Acesso em: 31 out.2012.

KRÁMNIK, Iliia. **Will the SS Satan-18 missile be replaced?** Moscow, 05 Sep. 2012. Disponível em: <http://english.ruvr.ru/2012_09_04/What-will-replace-SS-Satan-18-missile/> Acesso em: 01 nov.2012.

KRISTENSEN, Hans M. **Global Strike: A Chronology of the Pentagon's New Offensive Strike Plan**. Washington: Federation of American Scientists, 2006. Disponível em: <<http://www.fas.org/ssp/docs/GlobalStrikeReport.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

KRISTENSEN; Hans M.; NORRIS, Robert S. Chinese nuclear forces, 2011. **Bulletin of the Atomic Scientists**, Washington, n.67 v.6, p.81-87, 2011.

KRON, Robert. **The Impact of United States National Missile Defense on US – Russian Relations, Central European Security, and Leverage**. Chapel Hill: UMI Dissertation Publishing, 2009.

LAQUEUR, Walter. Moscow's Modernization Dilemma. Is Russia Charting a New Foreign Policy? **Foreign Affairs**, Tampa, v. 89, n. 6, p. 153-160, Nov./Dec. 2010. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/articles/66860/walter-laqueur/moscows-modernization-dilemma>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

LARRABEE, Stephen F. NATO and Black Sea Security. In: HAMILTON, Daniel; MANGOTT, Gerhard (Ed.). **The Wider Black Sea Region in the 21st Century: Strategic, Economic and Energy Perspectives**. Washington, D.C.: Center for Transatlantic Relations, 2008. p. 277-292.

REKACEWICZ, Philippe. Eurasia: the hot heartland of the world. **Le Monde Diplomatique**, Paris, 2007. Disponível em: <<http://mondediplo.com/maps/oil2007>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

LEHNER, Richard. **Missile Defense Agency Responds to New York Times Article**. Washington, 10 May 2010. Disponível em: <<http://www.dodlive.mil/index.php/2010/05/missile-defense-agency-responds-to-new-york-times-article/>>. Acesso em: 06 nov.2012.

LIEBER, Keir Alexander; PRESS, Daryl Grayson. A ascensão da supremacia nuclear dos Estados Unidos. **Política Externa**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 47-56, jun./ago. 2006.

MADEJ, Marek. **Obama's missile defense rethink: The Polish reaction**. Chicago, 30 Sep. 2009. Disponível em: <<http://www.thebulletin.org/web-edition/features/obamas-missile-defense-rethink-the-polish-reaction>>. Acesso em: 23 maio 2012.

MALASHENKO, Alexey. Losing the Caucasus. Carnegie Endowment for International Peace, Moscow Center. **Briefing**, Moscow, v. 11, n. 3, 2009. Disponível em <http://carnegieendowment.org/files/Malashenko_Losing_the_Caucasus_BriefAug09_Eng.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

MANGOTT, Gerhard; WESTPHAL, Kirsten. The relevance of the Wider Black Sea Region to EU and Russian Energy Issues. In: HAMILTON, Daniel; MANGOTT, Gerhard (Ed.). **The Wider Black Sea Region in the 21st Century: Strategic, Economic and Energy Perspectives**. Washington, D.C.: Center for Transatlantic Relations, 2008. p. 147-176.

MANKOFF, Jeffrey. **Russian Foreign Policy: The Return of Great Power Politics**. Maryland: Rowman & Littlefield, 2009.

MANKOFF, Jeffrey. The politics of US missile defence cooperation with Europe and Russia. **International Affairs**, Oxford, v. 88, n. 2, p. 329-347, 2012.

MARTI, Michael E. **A china de Deng Xiaoping: o homem que pôs a China na cena do Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MARTINS, José Miguel Quedi *et al.* O Fórum Quadrilateral e os novos Caminhos para a Regionalização na Ásia Central e Meridional. **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 2, n. 8, out./nov. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/download/22382/14002>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

MATHERS, Jennifer. Nuclear Weapons in Russian Foreign Policy: Patterns in Presidential Discourse 2000-2012. **Europe-Asia Studies**, Glasgow, v. 64, n. 3, p. 495-519, May 2012.

McGUIGAN, Mark. NATO and Russia: progress or process? In: GOWER, Jackie; TIMMINS, Graham. **Russia and Europe in the twenty-first century: an uneasy partnership**. New York, NY: Anthem Press, 2009. p. 149-168.

MEARSHEIMER, John J. **Conventional Deterrence**. New York: Cornell University Press, 1983.

MEDVEDEV, Dmitry. **Address to the Federal Assembly of the Russian Federation**. Moscow, Nov. 2008. Disponível em: <<http://eng.kremlin.ru/transcripts/296>>. Acesso em: 23 maio 2012.

MISSILE DEFENSE AGENCY. **History Resources**. Washington, 2012a. Disponível em: <http://www.mda.mil/news/history_resources.html#Origins>. Acesso em: 25 maio 2012.

MISSILE DEFENSE AGENCY. **The Ballistic Missile Defense System**. Washington, Mar. 2012b. Disponível em: <<http://www.mda.mil/global/documents/pdf/bmds.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

MISSILE DEFENSE AGENCY. **The Phased Adaptive Approach for Missile Defense in Europe**. Washington, Sep. 2009. Disponível em: <<http://www.mda.mil/global/documents/pdf/paa.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

NABUCCO – Nabucco Gas Pipeline. **The Nabucco Gaspipeline Project**. Floridotower, 2012. Disponível em: <<http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

NATO. **Member countries**. Washington, D.C., Apr. 2012. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_52044.htm>. Acesso em: 25 jun. 2012.

NATO. **The North Atlantic Treaty**. Washington, D.C., Apr. 1949. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_17120.htm>. Acesso em: 25 jun. 2012.

NIES, Susanne. The EU-Russia Energy Relationship: European, Russian, Common Interests? In: KANET, Roger E. (Ed.). **Russian Foreign Policy in the 21st Century**. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2011. p. 266-286.

O'ROURKE, Ronald. **Navy Aegis Ballistic Missile Defense (BMD) Program: Background and Issues for Congress**. Washington: CRS – Congressional Research Service, 2012.

OBAMA SHELVES Europe missile plan. **BBC News**, Londres, 17 Sep. 2009. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/8260230.stm>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

PARSCH, Andreas. **Raytheon RIM-161 Standard SM-3. Directory of U.S. Military Rockets and Missiles**. Munich, 2012. Disponível em: <<http://www.designation-systems.net/dusrm/m-161.html>>. Acesso em: 06 nov.2012.

PECEQUILO, Cristina Soreanu (Org.). **A Rússia: desafios presente e futuros**. Curitiba: Juruá, 2010.

PERRY-CASTAÑEDA. **Europe**. Perry Castañeda Library Map Collection. Austin, 2008. Disponível em: <http://www.lib.utexas.edu/maps/europe/txu-oclc-247233313-europe_pol_2008.jpg>. Acesso em: 12 set. 2011.

PIFER, Steven. **Missile Defense in Europe: Cooperation or Contention?** Washington: Brookings, 2012. Disponível em: <http://www.brookings.edu/~media/research/files/reports/2012/5/08%20missile%20defense%20pifer/0508_missile_defense_pifer>.

PLUTONIUM to Pluto: Russian nuclear space travel breakthrough. **Russia Today**, Moscow, Apr. 2012. Disponível em: <<http://rt.com/news/space-nuclear-engine-propulsion-120/>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

POMERANZ, Lenina. Os Condicionantes Políticos de uma Nova Estratégia de Desenvolvimento Econômico da Rússia. **Boletim de Economia e Política Internacional**, Brasília, n. 1, p. 59-67 jan./mar. 2010.

PUBLIC LAW. **Public Law 106-38**. Washington, 22 Jul. 1999. Disponível em: <<http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-106publ38/pdf/PLAW-106publ38.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2012.

RASSMUSSEN Announces First Step of European Missile Defense. **Ria Novosti**, Moscow, 21 May 2012. Disponível em: <http://en.rian.ru/mlitary_news/20120521/173574250.html>. Acesso em: 21 maio 2012.

RIASANOVSKY, Nicholas Valentine; STEINBERG, Mark. **A History of Russia**. New York, NY: Oxford University Press, 2005.

ROSE, Frank R. **Missile Defense and European Security**. Paris, Jul. 2012. Disponível em: <<http://www.state.gov/t/avc/rls/194453.htm>>. Acesso em: 04 jul. 2012.

RUSIA APLAZA por un año la puesta en servicio del submarino nuclear Yuri Dolgoruki. **Ria Novosti**, Moscow, 22 out. 2012. Disponível em: <<http://sp.rian.ru/Defensa/20121022/155335536.html>>. Acesso em: 31 out. 2012.

RUSIA CREARÁ nuevo misil balísticos intercontinental hacia 2018. **Ria Novosti**, Moscow, 03 set. 2012. Disponível em: <<http://sp.rian.ru/Defensa/20120903/154921031.html>>. Acesso em: 31 out. 2012.

RUSSIA. **The Foreign Policy Concept of the Russian Federation**. Washington, Jun. 2000. Disponível em: <<http://www.fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

RUSSIA. **The Foreign Policy Concept of the Russian Federation**. Moscow, Jul. 2008. Disponível em: <<http://www.mid.ru/bdomp/ns-osndoc.nsf/1e5f0de28fe77fdcc32575d900298676/869c9d2b87ad8014c32575d9002b1c38!OpenDocument>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

RUSSIA. **The Military Doctrine of the Russian Federation**. Moscow, Feb. 2010. Disponível em: <http://www.sras.org/military_doctrine_russian_federation_2010>. Acesso em: 02 jan. 2012.

RUSSIA DOES NOT Rule Out Preemptive Missile Defense Strike. **Ria Novosti**, Moscow, 03 May 2012. Disponível em: <<http://en.rian.ru/world/20120503/173188049.html>>. Acesso em: 03 maio 2012.

RUSSIA FURTHER delays delivery of aircraft carrier to India. **Reuters**, London, 10 Oct. 2012. Disponível em: <<http://in.reuters.com/article/2012/10/10/india-admiral-gorshkov-russia-delivery-idINDEE89906720121010>>. Acesso em: 07 nov. 2012.

RUSSIA TEST launches Stiletto missile. **Ria Novosti**, Moscow, 27 Dec. 2011. Disponível em: <http://en.rian.ru/mlitary_news/20111227/170519962.html>. Acesso em: 02 nov. 2012.

RUSSIA TO BUILD 100-ton ICBM to penetrate US missiles defenses. **Ria Novosti**, Moscow, 16 Dec. 2011b. Disponível em: <http://en.rian.ru/mlitary_news/20111216/170301667.html>. Acesso em 02 nov. 2012.

RUSSIA WANTS missile defense guarantees – Putin. **Ria Novosti**, Moscow, Jun. 2012. Disponível em: <http://en.rian.ru/mlitary_news/20120602/173800599.html>. Acesso em: 03 de jun. 2012.

RUSSIAN DEFENSE industry needs investment – Medvedev. **Ria Novosti**, Moscow, 10 May 2011. Disponível em: <http://en.rian.ru/mlitary_news/20110510/163957676.html>. Acesso em: 07 nov. 2012.

RUSSIAN FEDERATION FEDERAL STATE STATISTICS SERVICE (ROSSTAT). **Russia' 2012 Statistical Pocketbook**. Moscow, 2012. Disponível em: <http://www.gks.ru/free_doc/doc_2012/rus-eng12.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.

RUSSIAN FEDERATION FEDERAL STATE STATISTICS SERVICE (ROSSTAT). **Russia in Figures**. Moscow, 2011a. Disponível em: <http://www.gks.ru/bgd/regl/b11_12/Main.htm>. Acesso em 20 maio 2012.

RUSSIAN FEDERATION FEDERAL STATE STATISTICS SERVICE (ROSSTAT). **Russia in Figures: Foreign trade of the Russian Federation with far abroad countries**. Moscow, 2011b. Disponível em: <http://www.gks.ru/bgd/regl/b11_12/IssWWW.exe/Stg/d02/26-05.htm>. Acesso em: 20 maio 2012.

RUSSIAN NAVY Plans to Assign 30 Helicopters to Each Mistral. **Ria Novosti**, Moscow, 19 Sep. 2012. Disponível em: <http://en.rian.ru/military_news/20120919/176054142.html>. Acesso em 12 nov. 2012.

SAKWA, Richard. **Putin: Russia's Choice**. New York: Routledge, 2008.

SEGRILLO, Angelo. **O fim da URSS e a nova Rússia: de Gorbachev ao pós-Yeltsin**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SEGRILLO, Angelo. A nova Rússia: balanços e desafios. In: _____. **O Brasil no Mundo que vem aí**. Brasília: Funag, 2008. Disponível em <http://lea.vitis.uspnet.usp.br/images/stories/PDF/Segrillo_Artigos/10%20-%20anovarussiabalancoedesafios.pdf>. Acesso em: 03 out. 2010.

SEGRILLO, Angelo. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao ocidente: uma leitura histórica. In: PECEQUILO, Cristina Soreanu (Org.). **A Rússia: desafios presente e futuros**. Curitiba: Juruá, 2010. p. 57-72.

SHEARMAN, Peter. History, Russia and the West and Cold Wars. In: KANET, Roger E. (Ed). **Russian Foreign Policy in the 21st Century**. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2011. p. 11-29.

SHEVTSOVA, Lilia. **Russia – Lost in Transition: The Yelstin and Putin Legacies**. Washington: Carnegie Endowment for International Peace, 2007.

SKOLKOVO Moscow School of Management. **Skolkovo**, Moscow, 2012. Disponível em: <<http://www.skolkovo.ru/public/ru/>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

SOARES, Gina. Os corredores energéticos do Mar Cáspio. **Lumiar Briefs**, Lisboa, v. 8, dez. 2008. Disponível em: <http://www.ieei.pt/files/Corredores%20energeticos%20do%20Mar%20Caspio_brief8.pdf>. Acesso em: 30 maio 2012.

SOKOV, Nikolai. Missile Defence: Towards Practical Cooperation with Russia. **Survival**, London, v.52, n. 4, p. 121-130, ago./set. 2010.

SPILLMAN, Kurt R.; WENGER, Andreas (Ed.). **Russia's Place in Europe: a security debate**. Zurich: Center for Security Studies, 1999.

STARODUBROVSKAIA, Irina. Reformas da economia russa no pós-comunismo: os resultados e as perspectivas. In: QUINTELLA, Thereza Maria Machado (Org). **Brasil – Rússia: o fortalecimento de uma parceria**. Brasília: Funag, 2005. p. 193-236.

STEPANOVA, Ekaterina A. **Explaining Russia's Dissention on Kosovo**. **Carnegie Moscow Center PONARS Policy Memo**, Moscow, n. 57, Mar. 1999. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~ieresgwu/assets/docs/ponars/pm_0057.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2012.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEASE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI). **Background paper on SIPRI military expenditure data, 2011**. Stockholm, 2011. Disponível em: <<http://www.sipri.org/research/armaments/milex/sipri-factsheet-on-military-expenditure-2011.pdf>>. Acesso em: 07 nov.2012.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEASE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI). **The SIPRI Military Expenditure Database: Military Expenditure of Russia**. Stockholm, 2012. Disponível em: <<http://milexdata.sipri.org/result.php4>>. Acesso em: 07 nov. 2012.

TAPIOLA, Olga Shumylo. **Ukraine and Russia: Ever Closer Neighbors? Carnegie Endowment for International Peace Policy Outlook**, Moscow, Jun. 2011. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/files/ukraine_russia_2.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2012.

SHOOTING DOWN a plan. **The Economist**, London, 24 Sep. 2009. Disponível em: <http://www.economist.com/node/14515370?story_id=14515370>. Acesso em: 26 abr. 2012.

THORUN, Christian. **Explaining Change in Russian Foreign Policy: The role of Ideas in Post-Soviet Russia's Conduct Towards the West**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

TRENIN, Dmitri. **Russia's Nuclear Policy in the 21st Century Environment**. Paris: IFRI Security Studies Department, 2005.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As Relações diplomáticas da Ásia: articulações regionais e afirmação mundial (uma perspectiva brasileira)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Dez anos que abalaram o século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

VLADIMIR PUTIN: Ser fuertes es la garantía de la seguridad nacional para Rusia. **Russia Today**, Moscow, Feb. 2012. Disponível em: <<http://actualidad.rt.com/actualidad/view/39432-Vlad%3%ADmir-Putin-Ser-fuertes-es-garant%3%ADa-de-seguridad-nacional-para-Rusia>>. Acesso em: 03 mar. 2012.

VOSTOCHNY PORT. **About Company**. Vrangal, 2012. Disponível em: <<http://www.vpnet.ru/eng/about/about.htm>>. Acesso em 13 nov. 2012.

WEINROD, Bruce. U.S. Missile Defenses and Europe. **Mediterranean Quaterly**, Washington, p. 1-22, 2000.

WHAT IS Skolkovo? **Skolkovo**, Moscow, 2012. Disponível em: <<http://www.sk.ru>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

WHITE STREAM CONSORTIUM. **The Pipeline**. London, 2012. Disponível em: <<http://www.white-stream.com/#!about1/c1o96>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

YEVGENEVA, Tatyana. The myth of the “West” in Russian Political Culture and its Impact on Foreign and Security Policy. In: SPILLMAN, Kurt R.; WENGER, Andreas (Ed.). **Russia’s Place in Europe: a security debate**. Zurich: Center for Security Studies, 1999. p. 59-84.

ZHEBIT, Alexander A. Reflexões sobre a nova concepção de política externa da Rússia. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 259-277, jul./dez. 1993.

ZYGA, Ioanna Nikolletta. **NATO-Russia Relations and Missile Defense: “Sticking Point” or “Game Changer”**. Moscow: Carnegie Moscow Center, 2012.

**APÊNDICE A – 30 SUPERCOMPUTADORES MAIS VELOZES DO MUNDO
(JUNHO, 2012)**

R	Sede	Montador	Computador / Firma Montadora	Processador
01	EUA	EUA	Sequoia (IBM)	IBM/EUA
02	Japão	Japão	Kcomputer SPARC C-64 (Fujitsu)	Fujitsu/ Japão
03	EUA	EUA	Mira (IBM)	IBM/EUA
04	Alemanha	EUA	SuperMUC (IBM)	Intel/EUA
05	China	China	Tianhe-1A (NUDT)	Intel/EUA
06	EUA	EUA	Jaguar (Cray Gemini interconnect)	AMD/EUA
07	Italia	EUA	Fermi (IBM)	IBM/EUA
08	Alemanha	EUA	JuQUEEN (IBM)	IBM/EUA
09	França	França	Curie thin nodes (BULL)	Intel/EUA
10	China	EUA	Nebulae (Dawning)	Intel/EUA
11	EUA	EUA	Pleiades (SGI)	Intel/EUA
12	Japão	França	Helios (BULL)	Intel/EUA
13	Reino Unido	EUA	Blue Joule (IBM)	IBM/EUA
14	Japão	Japão/EUA	TSUBAME 2.0 (NEC/HP)	Intel/EUA
15	EUA	EUA	Cielo (Cray Gemini interconnect)	AMD/EUA
16	EUA	EUA	Hopper (Cray Gemini interconnect)	AMD/EUA
17	França	França	Tera-100 (BULL)	Intel/EUA
18	Japão	Japão	Oakleaf-FX (Fujitsu)	Fujitsu/Japão
19	EUA	EUA	Roadrunner (IBM)	AMD/EUA
20	Reino Unido	EUA	DiRAC (IBM)	RISC/AMD/EUA
21	EUA	EUA	Kraken XT5 (Cray Gemini interconnect)	AMD/EUA
22	Russia	EUA	Lomonosov (T-Platforms)	Intel/EUA
23	EUA	EUA	DARPA Trial Subset (IBM)	IBM/EUA
24	Alemanha	EUA	HERMIT (Cray Gemini interconnect)	AMD/EUA
25	Alemanha	EUA	JUGENE (IBM)	IBM/EUA
26	China	China	Sunway Blue Light (NRCPCET)	Sunway/China
27	EUA	EUA	Zin (Appro)	Intel/EUA
28	China	China	Tianhe-1A Hunan (NUDT)	Intel/EUA
29	França	EUA	Zumbrota 1 (IBM)	IBM/EUA
30	França	EUA	Zumbrota 2 (IBM)	IBM/EUA

Legenda: A primeira coluna trata do Ranking. A Segunda do País Comprador, onde está o computador. A terceira a nacionalidade da companhia que monta o computador. A quarta a empresa que faz o processador e a nacionalidade.

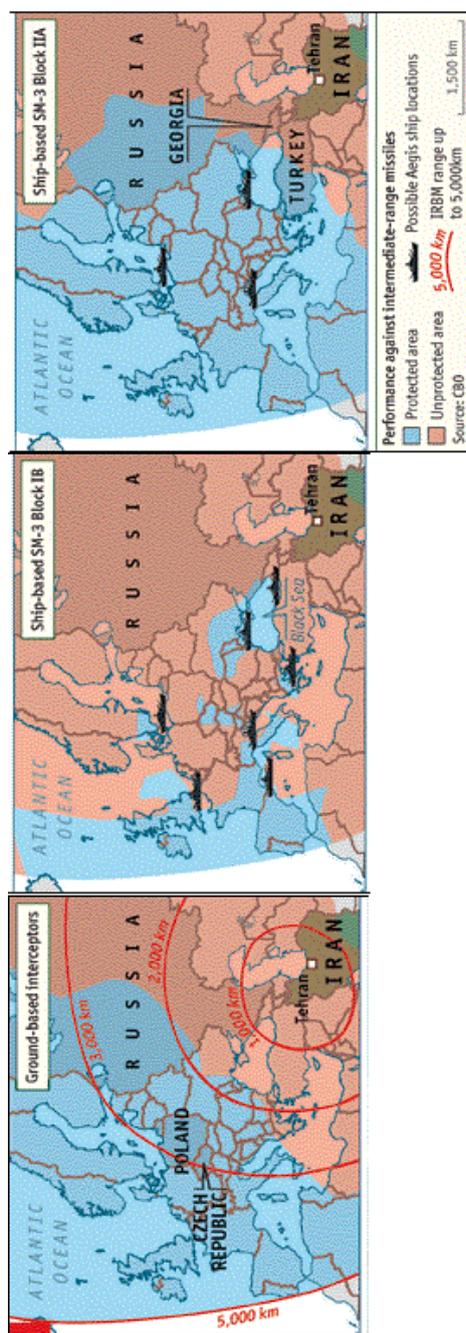
Fonte: TOP 500 Supercomputer sites. Disponível em: < <http://www.top500.org/list/2012/06/100>>.

ANEXO A – MAPA POLÍTICO DA EUROPA



Fonte: PERRY-CASTAÑEDA, 2008, adaptado pela autora.

ANEXO B – ALCANCE PROTEÇÃO EPAA



Fonte: SHOOTING DOWN..., 2009, adaptado pela autora

ANEXO D – GASTOS MILITARES DA RÚSSIA

Military expenditure of Russia**In local currency (b. roubles)**

Start of financial year: January

Year	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Value	[82.5]	[105]	[85.6]	[165]	[271]	[365]	[470]	[568]	[656]	[806]	[967]	[1,144]	[1,448]	[1,693]	[1,781]	[2,112]
In constant (2010) US\$ m.																
Year	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Value	[29,026]	[32,205]	[20,551]	[21,289]	[29,014]	[32,204]	[35,780]	[38,064]	[39,599]	[43,190]	[47,264]	[51,275]	[56,892]	[59,565]	[58,644]	[64,123]
As percentage of gross domestic product																
Year	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Value	[4.4]	[4.1]	[4.5]	[3.3]	[3.4]	[3.7]	[4.1]	[4.4]	[4.3]	[3.8]	[3.7]	[3.6]	[3.5]	[3.5]	[4.3]	[3.9]

Notes:

1. For the sources and methods of the military expenditure figures for the USSR and Russia, see Cooper, J., 'The military expenditure of the USSR and the Russian Federation, 1987-97', SIPRI Yearbook 1998: Armaments, Disarmament and International Security (Oxford University Press: Oxford, 1998), appendix 6D, pp. 243-59. Up to and including the SIPRI Yearbook 2002, PPP rates were used for Russia for converting local currency figures to constant dollars.

Convention:

US\$ m. = Million US dollars; . . = Data not available or not applicable, () = Uncertain figure, [] = SIPRI estimate.
th. = thousand; m. = million; b. = billion

Military expenditure figures in local currency is presented according to the financial year of the country in question. Figures in constant US dollars and as a share of GDP are presented by calendar year.